



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

CO.NHE.CER – Histórias e relações com a Educação de Jovens e Adultos em Fortaleza

**LARISSA WENYA SOUSA ALCANTARA
LETÍCIA ALVES CHAGAS**

ORIENTAÇÃO: NAIANA RODRIGUES

**FORTALEZA - CE
2016**

LARISSA WENYA SOUSA ALCANTARA

LETÍCIA ALVES CHAGAS

CO.NHE.CER – HISTÓRIAS E RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS EM FORTALEZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo no Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Mestre Naiana Rodrigues da Silva

FORTALEZA-CE

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Biblioteca de Ciências Humanas

A319c Alcantara, Larissa Wenya Sousa
Co.nhe.cer: histórias e relações com a Educação de Jovens e Adultos em Fortaleza / Larissa Wenya Sousa Alcantara e Letícia Alves Chagas. – Fortaleza, 2016.
90 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Departamento de Comunicação, Curso de Jornalismo, Fortaleza, 2016.
Orientação: Prof.^a Ma. Naiana Rodrigues da Silva.
Inclui DVD contendo o documentário que embasou a elaboração do trabalho.
Inclui apêndice contendo o roteiro de gravação do documentário.

1. Documentário (produção e direção). 2. Jornalismo e educação. 3. Educação de jovens e adultos. I. Chagas, Letícia Alves. II. Silva, Naiana Rodrigues da. III. Título.

CDD 070.4832

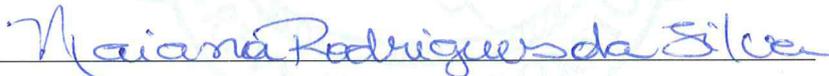
LARISSA WENYA SOUSA ALCANTARA

CONHECER HISTÓRIAS E RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM
FORTALEZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao
Curso de Jornalismo da Universidade Federal do
Ceará como requisito parcial para obtenção do
Título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado (a) em 30/11/2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. NAIANA RODRIGUES DA SILVA

Universidade Federal do Ceará (UFC)



Prof. Ms. JOSÉ RONALDO AGUIAR SALGADO

Universidade Federal do Ceará (UFC)



Profa. Dra. ANDREA PAIVA PINHEIRO

Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade ao permitir meu ingresso no curso de Jornalismo da UFC e pela conclusão desta etapa.

Aos meus pais, meus referenciais e educadores, que me impulsionam a seguir sempre em frente com honestidade, justiça e amor.

Às minhas avós, que muito se alegram e vibram com minhas conquistas.

Gratidão aos meus familiares por todo apoio, ao meu tio Arnóbio (*in memoriam*) quem tanto demonstrou orgulho e que agora, em nossos corações, certamente, comemora mais esse momento.

Aos meus amigos de vida, em especial, à Natália Oliveira pelo incentivo, paciência e força nos últimos quatro anos.

Aos amigos que fiz na TV O POVO, que sempre me trataram com carinho, confiança e respeito.

Aos professores que tive durante a trajetória estudantil até agora, pela importância e contribuição que cada um deixou; e por ser inspiração, à professora Marly (*in memoriam*), a tia da alfabetização.

E, claro, sou grata à Letícia Alves pela amizade, ainda mais fortalecida com a realização deste trabalho. Vivemos momentos recompensantes de muito aprendizado, paciência e parceria.

Larissa Wenya

AGRADECIMENTOS

Ao meu Divino Amigo, que Todo me amou e tudo me deu, sendo o verdadeiro responsável por todas as minhas conquistas, e à minha Rainha e Senhora, Santa Maria, dona de tudo o que é meu e dispensadora de todas as graças dadas a mim por Deus.

À pessoa mais importante da minha vida, minha mãe Leidy Anne, por ter me educado com amor e sempre incentivado os meus estudos.

Aos meus avós, Lúcia e Pedro Neto, que tanto se orgulham de mim e torcem para meu sucesso no jornalismo.

Ao meu pai, André Ricardo, por ter me dado apoio para a realização deste trabalho.

Aos meus familiares, pelo amor e o carinho com que complementaram minha educação, especialmente à minha madrinha Ana Francisca, que vibra com minhas conquistas.

Ao meu amor e amigo Daniel Duarte, que tanto foi atencioso comigo durante este tempo e não hesitou em colocar a mão na massa quando foi necessário.

Aos meus amigos, que compreenderam com carinho e paciência todo o tempo que lhes neguei e todos os compromissos que faltei para fazer este trabalho.

Ao Grupo Pentecostes e à Pastoral da Crisma da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, que entenderam e acolheram a minha ausência durante este ano de conclusão.

Aos meus chefes e colegas do jornal O POVO, especialmente os da editoria de Política, e também aos amigos que fiz na rápida passagem pela TV O POVO, que tanto me ensinaram e me ajudaram na profissão que escolhi seguir.

E à querida amiga e companheira desta missão árdua e desafiante, Larissa Wenya, que tolerou minhas faltas e atrasos, sofreu comigo as dificuldades, se alegrou nas pequenas vitórias e agora deve colher comigo os bons frutos do que construímos.

Leticia Alves

“Totus Tuus ego sum, et omnia mea tua sunt”

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para com este trabalho, que aceitaram vivenciar de perto e/ou até fazer parte deste projeto.

Aos nossos amigos e colaboradores Carlos Eduardo Freitas, Daniel Duarte e Marcelo Monteiro. À Secretaria Municipal de Educação pelos primeiros dados fornecidos para a pesquisa.

Aos nossos entrevistados do documentário: Maria das Dores de Sousa (Mocinha), Antônia Freitas, Conceição do Nascimento, Evinaldo Alexandre, Fátima Mendes, Francileide do Vale, Francisco das Chagas, Maria José Barbosa, Maxuel Almeida e a mãe Inês Almeida, Regina Célia, Rener de Sousa, Stela Oliveira, Taís Andrade.

A todos aqueles que abraçaram o projeto e acreditaram na viabilidade dele desde o início, como a professora Kamila Fernandes.

Por último, e não menos importante, à nossa orientadora Naiana Rodrigues, que embarcou nesse desafio conosco, e aos professores Andrea Pinheiro e Ronaldo Salgado, que gentilmente aceitaram o convite para compor nossa banca avaliadora.

As autoras

RESUMO

O documentário *CO.NHE.CER - Histórias e Relações da Educação de Jovens e Adultos em Fortaleza* apresenta ao espectador, através do relato de treze personagens - entre alunos, professores, diretora e coordenadora - as características e a história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Fortaleza. Ao mesmo tempo, não de contar as histórias de estudantes que tiveram de largar o ensino formal na infância ou na adolescência, mas decidiram voltar à escola e sonham em terminar os estudos, apesar da idade, das dificuldades e, muitas vezes, da vergonha.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário; Educação de Jovens e Adultos; Fortaleza; Estudantes; Escola

ABSTRACT

The documentary *CO.NHE.CER - Histórias e Relações da Educação de Jovens e Adultos em Fortaleza* introduces to the viewer the characteristics and history of the Youth and Adult Education (EJA) in Fortaleza, through the report of thirteen characters - students, teachers, director and coordinator -, while also telling the stories of students who had to drop formal education in childhood or adolescence, but decided to go back to school and dream of finishing their studies despite the age, difficulties and shame.

KEY WORDS: Documentary; Youth and Adult Education; Fortaleza; Students; School

LISTA DE ABREVIATURAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
Ceja	Centro de Educação de Jovens e Adultos
CEAA	Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos
CPC	Centro Popular de Cultura
EJA	Educação de Jovens e Adultos
E.M.	Escola Municipal
Faced	Faculdade de Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LOA	Lei Orçamentária Anual
MEB	Movimento de Educação de Base
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
MCP	Movimento de Cultura Popular
ONG	Organização Não-Governamental
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
SER	Secretaria Executiva Regional
SME	Secretaria Municipal de Educação
TAM	Tempo de Avançar do Ensino Médio
UFC	Universidade Federal do Ceará
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USP	Universidade de São Paulo
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Escolas de Fortaleza selecionadas para as visitas, com base no Censo Escolar 2014

Tabela 2 – Taxa geral de aprovação por Distrito - EJA 2014

Tabela 3 – Índice geral de aprovação das escolas do distrito I - EJA 2014

Tabela 4 – Índice geral de aprovação das escolas do distrito II - EJA 2014

Tabela 5 – Taxa geral de reprovação por Distrito - EJA 2014

Tabela 6 – Índice geral de reprovação das escolas do distrito III - EJA 2014

Tabela 7 – Índice geral de reprovação das escolas do distrito VI - EJA 2014

Tabela 8 – Taxa geral de abandono por Distrito - EJA 2014

Tabela 9 – Índice geral de abandono das escolas do distrito V - EJA 2014

Tabela 10 – Índice geral de abandono das escolas do distrito IV - EJA 2014

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETO	11
3. JUSTIFICATIVA	11
3.1 Exemplos de notícias.....	13
3.2 Mais Informações.....	15
4. OBJETIVOS	16
4.1 Geral.....	16
4.2 Específicos.....	16
5. REFERENCIAL TEÓRICO	17
5.1 A Educação de Jovens e Adultos no Brasil.....	18
5.2 Vivência e reflexão para liberdade: alfabetização e EJA em Paulo Freire.....	21
6. DADOS DA EJA	24
6.1 Números.....	25
6.2 O ensino da EJA.....	26
7. CO.NHE.CER - HISTÓRIAS E RELAÇÕES COM A EJA EM FORTALEZA	27
7.1 O título.....	28
7.2 As cores.....	29
7.3 As músicas.....	30
8. SUPORTE ADOTADO	30
9. METODOLOGIA	33
9.1 Mapeando Fontes.....	34
9.2 Informações sobre as escolas.....	43
9.3 Em busca das fontes.....	44
9.4 Os personagens.....	46
9.5 Gravações.....	53
9.6 Edição.....	54
10. ESTRUTURA DO TRABALHO	55
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICE A - Roteiro Co.nhe.cer - Histórias e relações com a Educação de Jovens e Adultos em Fortaleza	62

ANEXO A - Termo de Autorização de Uso de Imagem - Adulto.....	89
ANEXO B - Termo de Autorização de Uso de Imagem - Menor de Idade.....	90

1. INTRODUÇÃO

Co.nhe.cer – histórias e relações com a Educação de Jovens e Adultos em Fortaleza nasce da vontade por conhecer uma realidade aparentemente distante, embora existente, talvez margeada pelo esquecimento da sociedade e até do poder público: a modalidade de ensino para Jovens e Adultos em nossa cidade. Aproximarmo-nos dessa realidade por meio das pessoas que a conhecem de fato, que a vivenciam e a compreendem foi o caminho trilhado para contar histórias e relações com a EJA em quarenta e cinco minutos e vinte e seis segundos de material audiovisual, no formato de documentário.

O aprendizado, intrínseco ao ser humano, é algo que se manifesta e o acompanha nas diferentes fases da vida, sendo, portanto, um processo contínuo. Os conhecimentos são adquiridos em vários momentos, como na convivência com outros indivíduos, nas experiências do dia a dia, mas também por meio das instituições de educação convencional, por exemplo, a escola.

Quanto mais desenvolvida é uma sociedade, mais amplos e complexos são os processos de educação formal que, pela sua extensão, tendem a se tornar cada vez mais especializados. Nas sociedades modernas, a escola passou a ocupar um papel essencial na integração do indivíduo à sociedade (OLIVEIRA, 2008, p.259).

A instituição escola seria, portanto, o ponto de partida deste trabalho na busca pela investigação do objeto relacionado à Educação Fundamental, mais precisamente a Educação de Jovens e Adultos (EJA). No Brasil, a educação é regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei 9.394/96¹. Nela estão definidas as competências das três organizações do poder (município, estado e união), além das particularidades de cada nível de educação, divididos em: educação básica – que compreende a educação infantil e o ensino fundamental –, o ensino médio e a educação superior.

A Educação de Jovens e Adultos é garantida pela LDB sendo ofertada nos níveis fundamental e médio àqueles que não tenham ingressado ou continuado os estudos na faixa etária estabelecida para cada série. Dessa forma, os jovens a partir dos 15 anos de idade integram o EJA no nível fundamental e, no nível médio, podem realizar matrícula os adultos maiores de 18 anos, considerando que: “§ 2o Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames”.

¹ CERQUEIRA, Aliana; SOUZA, Thiago; CERQUEIR, Aline; MENDES, Patrícia. **A trajetória da LDB: um olhar crítico frente à realidade brasileira.** Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/anais/aliana_georgia_carvalho_cerqueira>

Escolhemos tratar sobre a EJA, no nível fundamental, ofertada pela rede pública do município de Fortaleza-CE, no modo presencial. No Brasil, existem outras categorias de ensino, como, por exemplo, a indígena, a prisional e a educação a distância, mas nenhuma dessas será contemplada na modalidade EJA neste projeto.

É sabido que uma parcela da população ainda não possui o ensino regular, ou pelo menos parte dele. De acordo com dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 9% da população brasileira ainda é analfabeta. Tentar minimizar os índices de analfabetismo é uma luta de vários anos do Brasil. Muitos desses jovens e adultos, sejam por quais questões deixaram de estudar, por vezes, não acreditam que conseguirão ultrapassar essa barreira e até se desmotivam. De forma bem geral, esse é o retrato de apenas uma das dificuldades relatadas/constatadas neste trabalho.

Fazemos uma ressalva para que não fique subentendido a compreensão da EJA apenas como a necessidade de escolarização, vai além. Evocar no texto a instituição escola, e tomá-la como “instituição oficial”, é uma escolha para a entendermos também como um espaço de construção de relações sociais, representando um momento de reintegração, no qual o indivíduo se insere, compreendendo que serão oferecidos suportes para uma boa formação do educando, despertando-lhe o olhar para a importância de sua atuação nos contextos sociais, culturais, políticos e econômicos.

2. OBJETO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Fortaleza, desde a sua história e suas características até o relato e a vida de pessoas que participam desse processo de aprendizagem, tanto professores, coordenadores e diretores de escolas, como alunos. A ênfase é dada nas histórias de vida destes últimos, seus planos e dificuldades, além nas opiniões, relatos e avaliações sobre a EJA, os professores e a escola.

3. JUSTIFICATIVA

O segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é pouco conhecido pelo público geral no Brasil. Esta hipótese levantada no projeto que guiou este trabalho pôde ser confirmada tanto pela nossa experiência em campo - através das entrevistas e pesquisas para a gravação do documentário - quanto pela forma como esse tipo de educação é normalmente noticiado na imprensa, tanto a televisiva quanto a impressa e a de Internet.

O desconhecimento, aliás, abarca vários pontos que formam a EJA: desde o público que a compõe, a organização das séries e aulas e os objetivos desse segmento até características que se repetem nas escolas que ofertam a categoria e que acabam formando uma espécie de perfil desse tipo de educação: o horário e o tempo de aula, as dificuldades, os professores e a estrutura.

Desde um necessário esclarecimento à população por parte dos governos municipais, estaduais e federais - que cuidam da EJA - a uma maior divulgação por meio dos veículos de imprensa, muitas podem ser as causas do caráter invisível que essa educação adquiriu. O preconceito e a desvalorização dela, percebidos na feitura do documentário, também podem ser causas e consequências desse processo.

Em Fortaleza, o cenário não é diferente. Em uma simples pesquisa por matérias e reportagens nos veículos jornalísticos da Capital cearense, percebe-se que a maior parte do que se publica são notícias factuais centradas em abertura de matrículas, números do Censo Escolar divulgados recentemente e, vez ou outra, projetos de alunos desse segmento.

A observação pode ser estendida à Educação em geral, cuja maioria dos conteúdos jornalísticos centram-se em notícias de vestibulares, números de aprovação e reprovação, escândalos e falta de estrutura nas escolas. A intenção deste trabalho não é diminuir esse tipo de material. Pelo contrário, reconhecemos sua importância social.

Na rotina produtiva jornalística, os assuntos selecionados para a divulgação passam por uma série de “filtros” que indicam o potencial de algo para que se torne notícia ou não, entre eles a política editorial e o público alvo; o espaço que é dado revela também o grau de relevância. Na Teoria do Jornalismo, essa análise das condições que tornam um fato notícia ou não é chamada de critério de noticiabilidade².

Isso não é condenável porque faz parte da dinâmica jornalística de seleção e hierarquização de assuntos, no entanto, há que se pensar o porquê de certas áreas serem mais contempladas, ganhando maior destaque em detrimento de outras. Também na Teoria do Jornalismo, há o que chamamos de teoria do *gatekeeping*³, que diz respeito à quantidade de *gates* pelos quais as notícias devem passar até serem publicadas. No fim do dia, vira notícia não só os fatos considerados relevantes para o público, mas aqueles decididos pelo editor – que pode utilizar uma série de critérios, entre eles a política editorial do veículo e o próprio espaço para a publicação.

Todo este processo de seleção se tornou ainda mais complexo a partir da Internet e das

² Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0617-1.pdf>>

³ Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0493-1.pdf>>

redes sociais, que permitem que usuários desses sítios influenciem direta e indiretamente na produção de notícias. A partir deste cenário, o professor da Universidade de Tecnologia de Queensland, na Austrália, Axel Bruns afirma que nasce o *gatewhatching*. São blogueiros, internautas e inclusive jornalistas que fazem uma “curadoria” dos assuntos discutidos nas redes⁴. A educação é um tema que pauta as redes? Mesmo que a resposta seja positiva, ainda assim há aspectos da própria Internet que induzem a notícias rápidas e pouco aprofundadas, não ajudando no esclarecimento sobre a EJA.

Há de ser necessário também questionar a forma como as notícias sobre o tema são passadas ao grande público, sem dar o mínimo esclarecimento sobre a estrutura, as dificuldades e o perfil desse tipo de educação que, segundo dados do Censo Escolar 2015⁵, alcançava, no Ensino Fundamental, 2,056,008 pessoas. Ou seja: mais de dois milhões de pessoas tinham o ensino básico atrasado no Brasil no ano passado.

3.1 - Exemplos de notícias

Destacamos, abaixo, quatro notícias sobre o tema publicadas em 2016 para exemplificar nossa análise. São duas notícias de televisão, uma de um veículo web de jornalismo e a última do jornal impresso. Mesmo com as características diferentes de cada suporte, os critérios jornalísticos são os mesmos.

É importante ressaltar que não há matérias específicas sobre a EJA oferecida pela Prefeitura de Fortaleza e pelo Governo do Estado, que normalmente é dividida entre Ensino Fundamental e Ensino Médio, respectivamente. A maior parte do material, entretanto, refere-se à EJA estadual, deixando ainda mais à margem esse tipo de educação feita pela Prefeitura, que tem uma responsabilidade maior na alfabetização de adultos.

- A primeira matéria⁶ destacada foi ao ar no jornal Diário da TV, da TV Diário, no dia 24 de agosto deste ano. Ela trata de uma exposição de maquetes de monumentos arquitetônicos do mundo feitas por alunos do Centro de Educação de Jovens e Adultos (Ceja), do Governo do Estado. Ela trata de um evento pontual, que estava acontecendo naquele dia, mostra as maquetes feitas e entrevista alunos e professores sobre o trabalho. No texto, nenhum esclarecimento rápido sobre o que é, por exemplo, o Ceja e quem são os alunos que o frequentam.

⁴ Disponível em <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/342/315>>

⁵ Disponível em <http://files.comunidades.net/profemarli/censo_escolar_divulgacao_22032016.pdf>

⁶ Disponível em <<http://tvdiario.verdesmares.com.br/videos/detalhes-de-videos?id=072d84fd8e7ae89ebee798bfe390f0b8>>

- A segunda matéria⁷, que foi ao ar no dia 30 de março deste ano no jornal CE TV da Região do Cariri, interior do Estado, tem como ponto de partida um dado da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) que mostrou que 12% da população do Ceará é analfabeta. Apesar de se basear em um número, a matéria, diferentemente da citada anteriormente, se aprofunda mais no tema, contando parte da história de alguns alunos, conversando com professores e apresentando, ainda que de forma rápida, a EJA em Fortaleza. Após a reportagem, o apresentador ainda entrevista uma coordenadora do Ceja para esclarecer mais dúvidas. Ela fala de requisitos básicos para o ingresso, como idade mínima, quantos alunos estão matriculados e o perfil deles.
- A terceira matéria⁸ foi publicada no portal Tribuna do Ceará no dia 16 de agosto e se trata de um serviço. Ela fala sobre vagas para a EJA abertas em Fortaleza. Embora seja importante divulgar abertura de vagas, o material pouco informa sobre as características desse tipo de ensino, afirmando somente que “a Educação de Jovens e Adultos configura-se como um importante campo de atuação, em face do significativo contingente da população que não teve acesso à escolaridade em idade própria e procura dar continuidade à sua educação”.
- A quarta matéria⁹, publicada no jornal O POVO no dia 6 de janeiro, trata de um protesto realizado por professores da rede pública estadual por conta de uma portaria que prevê a redução de metade dos professores de Cejas. Novamente, é uma matéria de relevância inquestionável, mas que poderia ir além do que foi, contribuindo para a pouca informação do público. Ela não informa, por exemplo, quantos professores trabalham nos Cejas, se o número é adequado, quais as dificuldades que esses profissionais passam etc.

Obviamente que essas abordagens citadas advêm das nossas observações enquanto estudantes de jornalismo e leitoras-cidadãs. Não há ainda dados compilados para comprovar o enquadramento utilizado. As matérias citadas servem apenas de exemplo para a justificativa de um tema para documentário que se mostra claramente relevante, tanto para o jornalismo,

⁷ Disponível em <<http://g1.globo.com/ceara/cetv-1dicao/videos/v/pensando-em-voltar-ao-mercado-de-trabalho-jovens-e-adultos-voltam-a-estudar/4921661/>>

⁸ Disponível em <<http://tribunadoceara.uol.com.br/empregos/carreira/sesc-recebe-inscricoes-para-curso-de-educacao-de-jovens-e-adulto/>>

⁹ Disponível em <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2016/01/06/noticiasjornalcotidiano,3557449/professores-protestam-contra-portaria-que-preve-mudancas-nas-escolas.shtml>>

quanto para a educação.

É provável que mídias alternativas e rádios comunitárias contemplem o assunto com mais frequência, ao contrário das grandes empresas de comunicação de Fortaleza, que parecem destinar poucos produtos/horários especializados na temática. Esclarecemos que tocar no papel e comportamento da mídia faz parte da condução deste relatório. Ainda que não apareça no documentário em si, não podemos deixar de lado um dos problemas apresentados como gerador do trabalho.

Por outro lado, há o papel do governo quanto às políticas governamentais para fomento da educação. De forma geral, tratando do serviço municipal, elas contemplam a educação básica, fundamental, e o público-alvo quase sempre são as crianças e os jovens. Por mais que hajam medidas direcionadas para a educação focadas para adultos e jovens fora da faixa etária escolar, elas ainda são insuficientes e pouco divulgadas.

O desconhecimento percebido por nós pode ser uma das explicações de um fenômeno que percebemos nas gravações do documentário: a maioria dos estudantes que são personagens do trabalho, com exceção de Maxuel (iremos apresentá-los mais adiante), afirmou ou que sentia vergonha quando “não tinha estudo”, ou que sentiu vergonha quando pensou em voltar à escola. Outro sentimento também foi bastante citado pelos profissionais desse tipo de educação: a autoestima baixa e o frequente desestímulo dos alunos da EJA.

3.2 - Mais informações

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o ensino fundamental e o ensino médio compõem o sistema de educação de jovens e adultos. O ensino fundamental obrigatório regular, com duração de nove anos, traz como primeiro objetivo de formação básica “I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo”, além de outros quatro objetivos de cunho humanísticos, de vivência e capacidades.

Trazemos o que é citado no primeiro inciso do artigo 32 da LDB para explicitar um dos conhecimentos básicos que serão desenvolvidos no ensino fundamental: ler e escrever, sejam letras ou números. O ato de unir letras e compreendê-las pode parecer “singelo” se comparado a outras coisas da vida, mas é capaz de possibilitar experiências diversas e a abertura de oportunidades. O processo de alfabetização, seja em qual idade for, é complexo.

Na sociedade em que vivemos, essas competências são primordiais e elas são exigidas em várias situações rotineiras. Adquiri-las é o ponto de partida para que qualquer indivíduo possa se integrar de maneira efetiva e participativa, ainda que já estejam integrados de algum

modo. Para além dessa circunstância, seja para qual finalidade for, cada passo no aprendizado para muitos jovens e adultos é uma conquista. Por mais complicado ou simples que pareça, ajuda a fortalecer o senso de autonomia do indivíduo.

É exatamente por esse significado emblemático que este trabalho foi guiado. Para tanto, foi escolhido como recorte a educação fundamental na Educação de Jovens e Adultos, no âmbito da rede pública municipal, compreendendo a educação como direito para qualquer cidadão.

Apesar disso, o documentário não trata especificamente da *alfabetização*, mas do retorno aos estudos e de todos os limiares ao redor deste ato: as dificuldades encontradas pelos personagens por não terem concluído o ensino básico, a coragem e os esforços do retorno e, como já dito, a própria história da EJA e suas características.

A relevância do tema para o jornalismo consiste principalmente por se tratar de algo que se encontra no corpo social, o que remete a um dos compromissos da profissão. De forma empírica, foram apontadas carências no modo de abordagem da imprensa quanto ao assunto.

Defendemos que a educação por si só é importante, pois é um ponto central que interfere diretamente em outras áreas a médio e a longo prazo. O olhar para a EJA é indispensável, porque o sentido de sua existência traduz uma realidade de analfabetismo presente em nosso país.

4. OBJETIVOS

4.1 - Geral

Através dos relatos dos personagens escolhidos, mostrar a importância e a transformação que perceberam na vida após voltarem a estudar, os percalços pelos quais passaram e ainda passam para a concretização dos estudos, além das dificuldades enfrentadas por terem se afastado da educação formal. Também contar, através dos personagens escolhidos e de suas experiências, a história da Educação de Jovens e Adultos, suas características e o perfil dos alunos que a compõem.

4.2 - Específicos

- Conversar com alunos da EJA da rede pública municipal de Fortaleza cujas aulas sejam presenciais;

- Compreender a motivação dessas pessoas a buscarem os estudos e persistirem mesmo quando não há condições favoráveis, sejam fatores econômicos, sociais, etários ou até psicológicos;
- Colher depoimentos de alunos que possam contar histórias próprias ou de outrem que precisou subverter alguma situação que lhe foi imposta em algum momento da vida para poder estudar;
- Focar na vivência dos personagens selecionados com o estudo e não nas suas dificuldades/deficiências;
- Dar uma contribuição à sociedade através de um documentário a respeito de experiências na educação de jovens e adultos;
- Conhecer as atividades que são desenvolvidas no processo de ensino para jovens e adultos;
- Mostrar a relevância desse tema que influencia direta e indiretamente em outros aspectos da vida em sociedade;
- Trazer à tona a temática da EJA para posterior discussão nos veículos de comunicação cearense.
- Distribuir o material em escolas públicas, possibilitando que mais pessoas conheçam o trabalho e possam se interessar pela temática;

5. REFERENCIAL TEÓRICO

A educação no Brasil, de modo geral, carrega a marca da desigualdade social, em que somente alguns conseguem ter acesso às escolas da rede pública de ensino. O cenário vem mudando ao longo dos anos por meio de políticas públicas implantadas que assumem o compromisso de minimizar as disparidades na oferta de ensino.

Com a EJA, a história não foi diferente. O incentivo para essa educação surgiu de uma necessidade vinculada à economia. Na efervescência de um Brasil industrial, a partir dos 1930, faltava mão de obra com conhecimentos básicos. “A origem e a trajetória de ambas (alfabetização e educação básica de adultos e atividades profissionalizantes) é marcada, no Brasil, por duas características: em primeiro lugar, a EJA sempre destinou-se aos subalternizados da sociedade, ou seja, à classe trabalhadora; em segundo, ao longo da história ela se constituiu predominantemente em paralelo ao sistema regular de ensino”.¹⁰

¹⁰ VENTURA, Jaqueline P. **Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores no Brasil: revendo alguns marcos históricos**. Disponível em: <<http://www.uff.br/ejatrabalhadores/artigos/educacao-jovens-adultos->

Escolhemos compreender a Educação de Jovens e Adultos a partir de três pontos: as normas que norteiam e configuram a EJA no Brasil; a história dessa educação em nosso país até ser reconhecida como modalidade de ensino, recuperando o contexto; os compromissos de uma pedagogia voltada para o cidadão enquanto sujeito.

Recorremos aos escritos de Paulo Freire, buscando compreender o mundo do educando da EJA para nos familiarizarmos com a área e ainda nortearmos nosso modo de abordagem para com os entrevistados. Além de importante educador brasileiro – reconhecido internacionalmente, Paulo Freire (1921 -1997) foi declarado patrono da educação brasileira, em 2012, por causa de suas contribuições, principalmente no âmbito da alfabetização.

5.1 A Educação de Jovens e Adultos no Brasil

A educação de jovens e adultos costuma ser, geralmente, associada à alfabetização de jovens e adultos, quando sabemos que a modalidade vai muito adiante do nível primário de ensino. Talvez a razão esteja no percurso histórico da EJA para firmar-se enquanto modalidade, pela falta ou insuficiência de políticas públicas direcionadas a uma visão ampla da EJA e pelas campanhas voltadas quase que exclusivamente para conter os índices de analfabetismo no Brasil. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD) 2013, divulgada pelo IBGE, existem 13 milhões de analfabetos com 15 anos de idade ou mais no Brasil.

Essa área da sociedade constituiu-se de maneira desordenada, passando um longo tempo para que se chegasse a um modelo sistematizado. Analisando historicamente a educação brasileira a professora Dr^a Maria José Barbosa, em entrevista para este trabalho, conclui que:

Na história do Brasil, nós temos um número muito grande de pessoas excluídas. Nós vamos ter o grupo dos indígenas, que foram abandonados à própria sorte. Os jesuítas fizeram um trabalho de catequização, mas não havia uma preocupação em escolarizar, muito mais em evangelizar para torná-los mais dóceis ao trabalho com os colonizadores. Os negros eram dentro da nossa sociedade desconsiderados como ser humano. E as pessoas da zona rural, que faziam o trabalho braçal, que não pertenciam à corte, eram ignoradas em seus direitos. Logo, o Brasil gerou um grande número de pessoas que não tinham acesso à educação. Até o final do século XIX, a nossa população analfabeta chegava a mais de 80%, isso vai gerar uma massa de desescolarizados.

Já no Brasil Império, conforme Porcaro¹¹,

Começaram a acontecer algumas reformas educacionais e estas preconizavam a necessidade do ensino noturno para adultos analfabetos. Em 1876, foi feito então, um relatório, pelo ministro José Bento da Cunha Figueiredo, apontando a existência de 200 mil alunos freqüentes às aulas noturnas. Durante muito tempo, portanto, as escolas noturnas eram a única forma de educação de adultos praticada no país.

Quanto ao ensino da leitura e da escrita para adultos e jovens, organiza-se em campanhas e/ou movimentos descontínuos, que surgem quase sempre acompanhados da ideia de salvação da “cegueira” do analfabetismo e como ato de generosidade. Em 1890, as discussões sobre o voto e o direito a ele serviram de pontapé para que se trabalhassem novas tentativas de alfabetizar as pessoas no Brasil.

A partir de 1940 começam-se as primeiras campanhas de alfabetização por parte do governo federal, impulsionadas pela criação da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, após o término da Segunda Guerra Mundial, e as determinações internacionais do órgão na área da educação (TAMAROZZI; COSTA, 2009). A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), lançada em 1947 e coordenada por Lourenço Filho, é considerada o primeiro projeto nacional contra o analfabetismo.

Em 1950, com o governo de cunho mais popular, estando Getúlio Vargas na presidência, abre-se espaço para uma metodologia educacional de prática popular, formulada por Paulo Freire. Nessa época, foram criados o Movimento de Cultura Popular (MCP) e o Centro Popular de Cultura (CPC). No mesmo período, Paulo Freire realizou a experiência de alfabetizar 300 trabalhadores em 45 dias em Angicos, no Rio Grande do Norte. O episódio ficou conhecido como “as 40 horas de Angicos¹²” e marcou o município.

A experiência “sistematiza uma nova forma de fazer alfabetização, criticando o modelo tradicional de educação fortemente marcado pela Psicologia do Desenvolvimento e pelo Behaviorismo. [...] Apesar de revolucionário, o método causou bastante impacto, devido à formulação da experiência e à sua novidade” (TAMAROZZI; COSTA, 2009, p.17). Os autores destacam também a atuação da Igreja católica na formação de jovens por meio do Movimento de Educação de Base (MEB) e a Ação Católica.

¹¹ PORCARO, Rosa Cristina. A história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Disponível em: <http://http://www.iesp-rn.com.br/ftpiesp/ DisciplinasPROISEP/M%F3dulo%202/3-EJA%20-%20Educa%E7%E3o%20de%20Jovens%20e%20Adultos/porcaro_historiaejanobrasil.pdf>

¹² A TV Escola produziu um especial de debate sobre a experiência em Angicos, quando esta completou 50 anos. Salto Para O Futuro - Edição Especial: Paulo Freire - 50 anos de Angicos pode ser conferido em: <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/video/educacao-especial-paulo-friere-50-anos-de-angicos>>

Seguindo a cronologia de nossa história, em 1963, o resultado positivo de Angico rendeu convite a Paulo Freire para preparar o Plano Nacional de Alfabetização. Mas com a instauração da Ditadura Militar no Brasil, em 1964, Paulo Freire é exilado e os movimentos populares da época são desarticulados.

O próximo programa para alfabetização de adultos é o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), em atividade de 1970 a 1985, e “converteu-se no maior movimento de alfabetização já existente no país” (TAMAROZZI; COSTA, 2009, p. 18) por causa do alcance. Seguiu-se a Fundação Educar, no mesmo ano do fim do Mobral, que repassava recursos diretos para secretaria de educação e outras instituições para realização de projetos. Porém, foi abolida pelo presidente Fernando Collor de Melo, em 1990, e até 1997 não houve nenhum tipo de campanha ou iniciativa voltada para o ensino em questão. O pensamento da gestão foi expresso pelo terceiro Ministro da Educação, do governo Collor, professor José Goldemberg:

O adulto analfabeto já encontrou seu lugar na sociedade. Pode não ser um bom lugar, mas é o seu lugar. Alfabetizar o adulto analfabeto não vai mudar muito sua posição dentro da sociedade e pode até perturbar. Vamos concentrar os nossos esforços em alfabetizar a população jovem. Fazemos isso agora, em dez anos desaparece o analfabetismo. (Jornal do Brasil – Rio de Janeiro – 12 de dezembro de 1991 apud GARCIA, 2004)

Apesar disso, a década de 1990 é considerada um período de mudanças positivas para a EJA, que começa a ganhar visibilidade, a ser compreendida como direito, a partir da realização de acordos internacionais e da organização de fóruns estaduais. “O reconhecimento gradativo e a visibilidade atual dessa modalidade da Educação Básica, muitas vezes causam a impressão de que a Educação de Jovens e Adultos é uma realidade recente, construída a partir dos anos de 1990” (TAMAROZZI; COSTA, 2009 p. 12). Em 1990, é estabelecida pela Unesco a Década da Alfabetização.

A Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/96) rege o sistema de educação brasileira. A LDB, criada em 1961, só passa a citar uma educação para jovens e adultos em sua segunda versão, no ano de 1971, com a implantação do ensino supletivo. Na LDB sancionada em 1996, a Educação de Jovens e Adultos torna-se modalidade e é regulamentada pelos artigos 37 e 38.

Os programas de alfabetização se sucedem a partir de 1997 com o Programa Alfabetização Solidária, no governo Fernando Henrique Cardoso, e nos governos posteriores, assim como iniciativas de outras instituições e ONG's.

5.2 Vivência e reflexão para liberdade: alfabetização e EJA em Paulo Freire

Numa escola de bairro pobre, a classe do primeiro ano fica conhecida pela desmotivação dos discentes, além do clima de disputa causado pelas diferenças étnicas entre eles, o que os restringem a formarem pequenos grupos rivais. A turma é formada por jovens cujas histórias de vida estão marcadas pelo sofrimento, com dilemas que envolvem a violência urbana e a criminalidade.

Estando em sala de aula sentem-se alheios. Então, de que lhes adianta conhecer uma literatura ou história que em nada parece ter conexão com o meio em que vivem? Qual o sentido de permanecerem naquele local, se o destino aparenta já estar traçado para eles, e com o triste fim, na maioria das vezes? A rebeldia manifesta-se incompreendida.

A situação descrita acima não é hipotética. Embora pareça ser um exemplo de alguma escola pelo Brasil ou mesmo em Fortaleza, diante das circunstâncias atuais presentes em nossa sociedade, essa turma é enredo do filme *Escritores da Liberdade* (2007)¹³, baseado na classe 203 da escola Woodrow Wilson, em Long Beach, Califórnia, na década de 1990.

A chegada da professora Erin Gruwell¹⁴ provoca pequenas mudanças no ambiente à medida em que incentiva a voz própria de cada jovem, com a proposta de escrita de diários sobre as vivências pessoais. Num exercício de sensibilidade, a professora busca conhecer a realidade que os circunda. Se de um lado, consegue a aproximação de seus alunos e desperta-lhes o interesse pelo estudo por meio das temáticas abordadas, por outro, a autonomia que é conferida a cada um contribui no envolvimento dos educandos cujas reflexões e ações superam a sala de aula.

No exemplo escolhido, podemos verificar ações que ilustram conceitos tratados por Paulo Freire quanto à educação, em especial, a educação de jovens e adultos, tema deste trabalho acadêmico.

Os alunos da sala 203 eram vistos com descrédito por professores dentro da escola, pelas condições contextuais, como retrata o filme, desconfiavam ou pouco acreditavam na capacidade de desenvolvimento intelectual daqueles jovens, aparentemente subestimando os conhecimentos adquiridos anteriormente, fossem eles “formais” ou não. A este aspecto, Paulo Freire usa o termo *visão ingênua*. Ou seja, acreditar que os estudantes têm limitações que

¹³ Título original: *Freedom Writers*. Drama, EUA, 2007, 122 minutos. Direção: Richard LaGravenese

¹⁴ Gruweel teve de lidar com disputas territoriais que eram trazidas para dentro da sala de aula, desrespeito e preconceito entre os alunos, e uma série de particularidades, desvalorização e barreiras no contexto do sistema educacional na cidade quando na criação da lei de integração racial. Inspirados no livro *O diário de Anne Frank* (1947), os estudantes da sala 203 passaram a escrever suas histórias, que foram publicadas no livro *Diário dos Escritores da Liberdade*, em 1999. Dois anos antes, professora e alunos fundaram a associação Freedom Writers Foundation (www.freedomwritersfoundation.org).

devem ser resolvidas/superadas somente pela ótica do professor, por este deter “oficialmente” um maior conhecimento.

Ao raciocinar dessa forma, desconsidera-se a habilidade de compreensão de mundo do educando. Isola-se a possibilidade de uma troca de conhecimentos, como se já estivesse determinado o grau do que é válido como saber. “[...] assumir a ingenuidade dos educandos demanda de nós a humildade necessária para assumir também a sua criticidade, superando, com ela, a nossa ingenuidade também” (FREIRE, 2006, p. 27).

Diretamente ligada a essa “ingenuidade” diante do estudante em processo de aprendizado/alfabetização, Freire (2005, p. 67) denomina o modelo de educação *bancária*¹⁵, que se constitui como “ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos”. Os alfabetizandos são encarados como “depósitos” a serem preenchidos com os ensinamentos que o material didático ou professor tem a lhes oferecer, sem desenvolver a reflexão sobre conteúdo, sem estabelecer paralelos e relações com o mundo exterior. Apenas absorvem. É um modelo anti-participativo, o qual se apega a posições definidas de hierarquia entre quem sabe e quem não sabe, respectivamente educador e educando, ambos se veem dessa forma. O educador torna-se sujeito da aprendizagem, enquanto o educando assume o papel de espectador.¹⁶

Perceber os níveis particulares de interpretação dos educandos acerca da realidade na qual se inserem e dar atenção ao invés de impor o ponto de vista próprio é uma forma de distanciar-se de atitudes autoritárias (Idem., 2006), defende e didatiza assim o autor: “Estando num lado da rua, ninguém estará em seguida no outro, a não ser atravessando a rua. Se estou no lado de cá, não posso chegar ao lado de lá, partindo de lá, mas de cá. Assim também ocorre com a compreensão menos rigorosa, menos exata da realidade” (Ibid., p.27).

Voltando ao exemplo da história do filme, apenas para tornar mais claros os conceitos de Paulo Freire que aqui trazemos, as atitudes tomadas por Erin Gruwell assemelham-se a explicação acima. Por acreditar em seus alunos, a professora precisou compreendê-los para conseguir aproximar-se, mas para isso pôs-se a ouvi-los, deixou afetar-se. O desafio foi refletir também sobre si e seu papel naquela situação para encontrar um possível direcionamento de ação, respeitando o envolvimento dos alunos.

A partir daí, inicia-se um processo de troca de ambos os lados à medida em que não se impõe uma maneira de enxergar um contexto, embora intermediados por ele, seguem numa

¹⁵ Ver *Pedagogia do Oprimido*, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005, 43ª edição. Nesse livro, Paulo Freire explica e detalha os princípios e as relações que se estabelecem nessa educação.

¹⁶ Freire (2002, p.16) destaca que, por vezes, o educador pode estar agindo nesse modelo de ensino sem perceber que assim o faz, às vezes condicionado pelo próprio sistema.

construção de si frente à realidade. A transformação pessoal e social acontece nas duas vias de direção quando há o aprendizado dividido, em que educandos e educadores desempenham concomitantemente os dois papéis (Idem., 2005).

Assim, pensar a educação de jovens e adultos sob o ponto de vista do diálogo e de encarar o estudante no seu potencial de sujeito enquanto agente, que percebe os fatos que estão em sua volta, que tem plena condição de desenvolver ainda mais uma visão crítica, de apurá-la, é apontar para o sentido da *educação libertadora* (Ibid., 2005).

É seguir no combate de uma visão arraigada na sociedade, presente na *educação bancária*, de que o analfabeto é uma pessoa desprovida de competência, de capacidade de raciocínio, por lhe faltarem as letras¹⁷. Atribui-se um *caráter mágico às palavras*:

O analfabeto, porque não a tem, é um ‘homem perdido’, cego, quase fora da realidade. É preciso, pois, salvá-lo e sua salvação está em passivamente receber a palavra – uma espécie de amuleto – que a ‘parte melhor’ do mundo lhe oferece benevolmente. Daí que o papel do analfabeto não o seja de paciente que se submete docilmente a um processo em que não tem ingerência” (FREIRE, 2006, p.29).

Isso se estende, atinge também ao analfabeto ou semi-analfabeto que subestima a inteligência que possui, renegando-a, praticando uma *auto-desvalia*¹⁸ ao “admitir” ser incapaz. Na contramão, a *educação libertadora* consiste no estímulo da criatividade, instiga a curiosidade e a reflexão naquilo que se é e no que se quer ser a partir da ressignificação do próprio mundo. Essa proposta do autor trata a educação como um *ato de criação*, de recriar a maneira de se ver.

Mas esta dinâmica faz sentido, produz significado quando os dois lados (educador e educando) despertam conscientemente para esta responsabilidade, quando tomam para si a tentativa do acordo e não do puro embate, sem reflexão, quando se acha pertencente àquele local. Quando o alfabetizando acredita que pode contribuir, quando se encontra, valorizando as experiências, também forma de conhecimento.

Essas são características basilares da educação sob a perspectiva freiriana. Uma educação que não se esgota em livros e nem na sala de aula, como espaço físico, mas que transpõe tais pré-definições porque ela se instala na essência do ser, do pensar e do agir.

Para Paulo Freire (2006), a leitura vai muito além da junção de letras e formação de frases. Pressupõe o entendimento do indivíduo enquanto pessoa, com conhecimentos, com

¹⁷ Numa reflexão pessoal, as autoras deste trabalho percebem que até mesmo na academia parece persistir o estereótipo do homem inculto, isolado, à margem, acabando por desaguar na sociedade essa visão preconceituosa.

¹⁸ Ver Pedagogia do Oprimido, 2005, p. 56.

vivências que se acumulam e que fazem parte do descobrimento do próprio mundo antes mesmo de ser iniciado no universo das letras e códigos.

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 2006, p.11). Dessa forma, não se pode dissociar o estudo, ou a alfabetização, da própria experiência na compreensão do mundo, quando a aprendizagem é um processo contínuo.

6. DADOS DA EJA

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o Ensino Fundamental de nove anos é oferecido gratuitamente pela rede pública, sendo incumbência do Estado. A tendência, portanto, é que este assuma o ensino médio e os municípios fiquem responsáveis pela educação infantil e fundamental. Analisando a tabela de rendimento escolar 2007 – 2014¹⁹ da Prefeitura Municipal de Fortaleza, verificamos que as turmas de Ensino Médio cessaram em 2013, provavelmente em decorrência do já citado.

Alguns dados foram levantados com a Secretaria Municipal de Educação (SME), outros coletados no Portal da Transparência de Fortaleza²⁰ e nas próprias escolas visitadas, além das entrevistas realizadas e do nosso trabalho de observação. As aulas da EJA têm início no começo do ano, em conformidade com o calendário da rede municipal, mas a oferta de matrículas nesse segmento ocorre durante todo o ano letivo, sem prejuízos à sua aprendizagem, conforme assegurado pela legislação educacional vigente.

O Ensino Fundamental é ofertado e organizado em níveis que variam do 1 ao 5. Os níveis 1, 2 e 3 correspondem às séries iniciais, equivalendo do 1º ao 5º do Ensino Fundamental regular. Todo o nível básico é ofertado em três anos consecutivos, o que não impede do aluno avançar, conforme seu nível de aprendizado, podendo ser concluído em menos tempo.

As séries finais da EJA, que equivalem do 6º ao 9º do ensino fundamental regular, são disponibilizadas nos níveis 4 e 5, em dois anos consecutivos – o que não impede do aluno avançar, conforme seu nível de aprendizado, da mesma forma. Nem todas as escolas com EJA têm todos os níveis desta educação. Os níveis 1 e 2, onde os estudantes que ainda não sabem

¹⁹ O levantamento pode ser encontrado no site da Secretaria Municipal da Educação de Fortaleza na aba “Dados Educacionais”. Disponível em:

<<http://www.sme.fortaleza.ce.gov.br/educacao/index.php/conteudos/category/104-nossa-matricula>>

²⁰ <http://transparencia.fortaleza.ce.gov.br/>

ler devem iniciar, são disponíveis somente em algumas escolas.

6.1 - Números

O número total de alunos matriculados na EJA no Ensino Fundamental em 2015 em todo o Brasil era 2,056,008. O número foi caindo ano a ano, desde 2007, último ano com dados disponibilizados. Naquele ano, havia 3,367,032 alunos matriculados na EJA no Ensino Fundamental.

Só no Ceará, segundo dados do Censo Escolar de 2014²¹, há 1695 escolas da rede municipal pública com turma de EJA. Dessas, 87 são em Fortaleza. É bom deixar claro que o número de escolas ou centros que ofertam a Educação para Jovens e Adultos na Capital é muito maior, mas no nosso trabalho nos interessa apenas o ensino no âmbito municipal e presencial.

Dessas 87 escolas, pelo menos 49 ofertam Atendimento Educacional Especializado (AEE), que são atendimentos destinados a alunos portadores de alguma deficiência. Não temos que confirmar nem temos interesse para este documentário se o serviço está sendo, mesmo ofertado em todas essas escolas.

Em pelo menos duas escolas visitadas, a E. M. Martinz Aguiar e a Edmilson Pinheiro, o AEE é utilizado por um estudante da EJA. Em uma delas, conversamos com Maxuel Almeida. Um dos personagens do documentário, ele representa uma parcela pequena, mas existente, dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Uma surpresa para nós, ele nos mostrou mais uma vez que há mais nesse tipo de educação do que temos conhecimento.

Quando começamos a pesquisar sobre a EJA, imaginamos que a maior parte dos alunos que encontraríamos seria de adultos e idosos. A nossa surpresa foi constatar que, principalmente nos níveis mais avançados, o 4 e 5, a maioria dos estudantes são adolescentes e jovens. Nossa observação foi confirmada por dados do Censo de 2015.

De acordo com o levantamento, a média de idade dos alunos dos níveis iniciais é de 40,3 anos. Já a média de idade dos matriculados nos níveis finais cai para 20,3. Os números específicos de Fortaleza, sobretudo das seis escolas que visitamos para gravar o documentário, não serão informados porque os dados, embora solicitados com bastante antecedência à Secretaria Municipal de Educação (SME), não foram disponibilizados.

A nossa percepção, no entanto, é que a média de idade dos alunos da EJA 4 e 5 em Fortaleza é ainda menor. Havia muitos alunos entre 15 e 18 anos nas escolas visitadas. Além disso, os depoimentos dos profissionais da área concordaram com a nossa avaliação. Segundo

²¹ Disponível em <<http://www.dataescolabrasil.inep.gov.br/dataEscolaBrasil/home.seam>>

denúncias de professores, há um movimento causado pelo “sistema” que faz com que os alunos “problemáticos” da manhã e da tarde sejam transferidos para a noite para não afetarem os números de avaliação do ensino regular das escolas.

Segundo dados do Portal da Transparência de Fortaleza, foram previstos na Lei Orçamentária Anual (LOA) o investimento de R\$ 11.234.775,00 para o ano de 2015. Só foram efetivamente gastos pela Prefeitura, na rubrica da Educação de Jovens e Adultos, R\$ 3.795.220,25. Em resposta, o órgão afirma que os investimentos na área ficam divididos em outras rubricas, como educação, no geral, Juventude, Cultura, Esporte e Lazer, além das próprias Secretarias Regionais onde as escolas estão inseridas.

Até setembro de 2016, repetiu-se o fenômeno de menos da metade do valor destinado ser, de fato, utilizado. Dos R\$ 10.585.460,00 previstos na LOA, apenas R\$ 3.551.188,68 foi gasto até agora, sendo que, em três meses, nada foi gasto nesta rubrica e, em janeiro, foi empenhado o valor de R\$ 322,00.

O orçamento da Prefeitura, aprovado pela Câmara Municipal todos os anos, prevê quanto deve ser gasto em cada área. Porém, caso o gestor ache necessário, ele pode pegar recursos não utilizados numa rubrica e utilizar em outro local. Nós não conseguimos ter acesso à informação de para onde foi o dinheiro que poderia ter sido utilizado na EJA em Fortaleza nesses dois anos.

6.2 - O ensino da EJA

O requisito principal para se matricular na EJA é ter 15 anos ou mais e estar atrasado no ensino regular. Quem nunca teve educação formal, e tem a idade exigida, também pode se matricular na EJA, no primeiro nível, destinado principalmente à alfabetização.

Na rede pública municipal, as turmas de EJA acontecem à noite. Isso porque boa parte dos alunos, já adultos, trabalham durante o dia inteiro. O turno, porém, é alvo de críticas de estudiosos da área. Com uma boa parte de estudantes formados por adolescentes acima de 15 anos, o turno da noite pode acabar propiciando a evasão para o público jovem. O horário também pode causar um tipo de “discriminação” e estigma nos estudantes, porque, como já dito anteriormente, há a ideia de que muitos alunos problemáticos devam ser passados para a noite.

Os EJAs 1, 2 e 3 correspondem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Já o EJA 4 corresponde ao 6º e 7º ano e o EJA 5 ao 8º e 9º. Como nem todas as escolas ofertam os EJAs 1 e 2, muitos alunos, ainda analfabetos, acabam sendo matriculados diretamente no nível 3. O procedimento gera problemas contemplados no documentário, que é a diferença entre o nível

dos alunos de uma mesma sala. Numa só turma, às vezes, há alunos que sabem e não sabem ler. Isso dificulta o trabalho dos professores, que na maioria das vezes já vêm de dois turnos de trabalho.

Além disso, também há uma pressão feita pelo sistema educacional aos professores para que eles aprovem alunos que, muitas vezes, não têm condições de passarem de turma. A denúncia foi feita por um dos entrevistados, que preferimos não identificar nem colocar no vídeo para não prejudicá-lo.

“E se [o aluno] tem dificuldades, eu não gosto que ele passe para o outro ano e mesmo assim o sistema, no final do ano, ocorre que eles passam. Por que que os alunos que eram pra estar no EJA 1 ou no EJA 2 estão no EJA 3? Passaram quatro anos, dois anos e não conseguiram aprender a ler, né, aí o que o sistema faz: chega a famosa recuperação, que é coisa de 4, 5 dias, a pessoa que vem fazer recuperação faz com que os alunos passem e chega no EJA 3 e a gente tem que atender” (sic), disse.

Outra característica do ensino da EJA, além da pluralidade das salas - através das idades, histórias e níveis de conhecimento -, é o índice de evasão e o número de faltas dos alunos. Pontos também destacados no documentário, nós observamos que principalmente às segundas e sextas-feiras, as salas da EJA ficam quase vazias, sendo recorrente a prática de juntar turmas de níveis diferentes para somar um número maior de alunos ou professores darem aula para dois ou três.

Um problema observado em todas as escolas visitadas foi a falta de estrutura física dada a esses alunos. O problema, que já é recorrente nos colégios públicos em geral, se acentua na EJA por uma série de motivos. O primeiro deles é que, por estudarem em salas de aula que em outros turnos são utilizados por outras séries, inclusive por crianças, muitas vezes os estudantes da EJA assistem à aula em cadeiras pequenas para o seu tamanho.

Outro problema recorrente é que, no horário da noite, normalmente as bibliotecas e os laboratórios de informática estão fechados, não permitindo acesso a esses espaços pelos jovens e adultos que se atrasaram no ensino formal. É impossível mensurar o quanto o fato de eles não terem acesso a esses equipamentos por comprometer o aprendizado.

7. CO.NHE.CER - HISTÓRIAS E RELAÇÕES COM A EJA EM FORTALEZA

O *Co.nhe.cer - Histórias e Relações com a Educação de Jovens e Adultos em Fortaleza* nasce do sonho de pôr luz em uma temática inegavelmente relevante jornalística e socialmente, mas, como já dito, pouco explorada nos meios de comunicação e pouco

conhecida pelas pessoas. Surge também do nosso interesse na área da educação, que permite infindáveis possibilidades de cobertura jornalística.

O documentário centra-se no relato de personagens diversos - de alunos a professores, coordenadores e diretores de escolas escolhidas a partir de uma metodologia adotada, que será explicada adiante - que têm vivências e relações profissionais, estudantis e afetivas com a Educação de Jovens e Adultos. Ele passeia entre as histórias de cada um deles com a EJA e a própria história da EJA, sua estrutura, forma de ensino, dados de orçamento e índices de avaliação.

Desde o nome até a identidade visual, sonorização, falas e informações escolhidas para comporem o audiovisual, todas as escolhas feitas para o documentário objetivaram permitir que os personagens permanecessem no centro, contassem uma história e não só fossem peças utilizadas para se encaixarem numa narrativa previamente pensada e criada por nós. Para tanto, decidimos construir o roteiro apenas depois da captação de todas as entrevistas, de forma a só contar a história que ouvimos e não criá-la a despeito da realidade conhecida por nós e por eles nos meses de visita às escolas.

Nossa ideia era que o *Co.nhe.cer* contasse não só uma história praticamente desconhecida, mas também diferente do que se costuma ver, que fosse além do lugar comum e fugisse de estereótipos e ideias discriminatórias com esse tipo de educação. Nosso primeiro cuidado era não relacionar a EJA diretamente com a alfabetização de jovens e adultos.

Para isso, pretendemos fugir da identidade visual tipicamente utilizada em temáticas de educação: a caneta e o caderno de caligrafia, a letra cursiva e o quadro negro riscado de giz. É verdade que todos os esses ícones integram o universo da escola, que serviu de cenário para todas as entrevistas, e por isso decidimos utilizá-los de forma mais adulta, que não infantilizasse o ensino dos estudantes que integram a EJA. Abaixo, pretendemos explicar alguns elementos do documentário.

7.1 - O título

A escolha do título foi uma das mais demoradas e discutidas, feita apenas após o início da edição do audiovisual. Todas as ideias pareciam cair na vala comum do aprendizado salvífico, que desconsiderava as vivências anteriores dos alunos e de alguma forma relacionavam a alfabetização e o ensino regular como algo que os tornava “melhores”. Essa ideia, inclusive, foi percebida por nós em algumas entrevistas e deixadas na edição por fazer parte da opinião de alguns: a do ensino como algo que te faz “ser alguém na vida”. Apesar disso, não queríamos deixá-la no título.

Inicialmente, pensamos no título ser um verbo, que conseguiria dar a ideia de ação e movimento, e tiraria um pouco da ideia de educação recebida por eles, priorizando a atitude dos alunos de voltarem às aulas e de enfrentarem dificuldades e preconceitos. O verbo no infinitivo impessoal dá valor indefinido à ideia escolhida, não ficando relacionado a nenhuma pessoa nem a um valor específico. A forma invariável do verbo faz com que seja considerado apenas o processo verbal, ou seja, a própria ação. Além disso, o infinitivo impessoal também pode ser usado no sentido imperativo, aconselhando ou dando uma ordem.

O “conhecer” foi o verbo escolhido pela sua pluralidade de significados²². Por causa disso, pensamos em apresentá-lo como a um verbete de dicionário, com as sílabas separadas por pontos. A ideia permitira que o nome passeasse entre os significados possíveis, da alfabetização e junção de sílabas, ao aprendizado formal dos significados nas palavras e nas coisas às vivências de realidades diversas por cada um. Ele relaciona-se com o “ensino”, mas não se fecha no ensino formal. Ninguém conhece apenas o aprendido na escola.

Conhecem-se as relações, os sentimentos, os sonhos, as dificuldades, a vida como um todo. O conhecimento não se forma apenas formalmente, mas principalmente através de experiências. E quantas experiências os nossos personagens escolhidos não passaram! Disso também se trata o Co.nhe.cer, da nossa oportunidade de ter conhecido e passado adiante suas histórias. O conhecer formal aprendido por eles: as letras, os números, as sílabas, palavras e outros ensinamentos; o conhecer da vida, dos ensinamentos foram do ensino formal; e o nosso conhecer sobre eles e sobre a EJA.

7.2 - *As cores*

Ao pensar em quais cores comporiam a identidade visual do documentário, quisemos deixar de fora os tons pastel e claros, além de muito coloridos, para não dar um aspecto infantil. Foram escolhidos, então, laranja, cinza e branco. Vibrante, o laranja une-se perfeitamente à ideia do verbo no título, que une ação a continuidade. Semioticamente, a cor atua como estimulante e simboliza entusiasmo, força, energia, movimento.

O cinza traz o equilíbrio necessário para histórias que transitam entre as dificuldades e as alegrias, os jovens e os velhos, os medos, a vergonha, o “atraso”. Semioticamente pode representar exatamente o contrário do laranja, uma “falta de energia” e quietude, trazendo perfeitamente o equilíbrio já dito e a maturidade de quem busca voltar aos estudos depois de adulto, o ensino para quem já muito conhece da vida. Também lembra a penumbra recorrente em muitas gravações, pelo horário noturno nas aulas e a pouca iluminação nas escolas.

²² <https://www.dicio.com.br/conhecer/>

O branco reforça o equilíbrio entre o movimento e a maturidade de quem decide voltar à escola, mas também ilumina o que é escuro: do conhecimento sobre a EJA da população, que é limitado, ao ambiente escolar desses alunos, aos quais é negado até mesmo uma iluminação efetiva. Também aparece como uma oposição ao colorido frequente nas escolas, com ambientes extremamente infantis para os estudantes da EJA.

7.3 - As músicas

O documentário pode ser considerado minimalista no quesito sonorização. Apenas duas melodias foram escolhidas para todo o vídeo, compostas e executadas pelo compositor cearense e também jornalista Marco Fukuda. Elas foram escolhidas tanto pelo tom regional que dariam ao vídeo, ao mesmo tempo em que têm momentos mais alegres e mais dramáticos, embora de forma bastante sóbria e nada forçada.

Para além disso, há de se destacar a qualidade musical de ambas. *Sonhos andarilhos* e *Aurora* estão em conformidade com a história que queremos contar: dificuldades, privações, sonhos, força, conquistas.

Uma canção que aparece em outro momento do documentário é a *Você também é responsável* (1969), da dupla Dom e Ravel, é colocada quando a pesquisadora do Núcleo de Referência em EJA História e Memória do Ceará da Universidade Federal do Ceará (UFC), Maria José Barbosa, fala sobre o Mobral.

8. SUPORTE ADOTADO

A linguagem audiovisual é uma das formas democráticas de se transmitir informação. Não pela facilidade de produção, que exige mais pessoal, equipamentos e conhecimentos específicos, mas pela rapidez e eficiência para a divulgação. É uma linguagem que alcança um grande público e comunica do rico ao pobre e da pessoa com diploma acadêmico àquela que nunca recebeu educação formal.

Em outras palavras: diferentemente do jornalismo impresso, não é preciso saber ler nem ter facilidade com a linguagem para se informar pela televisão e pelo rádio. E essa característica do suporte audiovisual caiu como uma luva no assunto que escolhemos para fazer nosso trabalho de conclusão. Primeiro, porque nós queríamos falar sobre a EJA não só para quem não a conhece, mas também e principalmente para quem faz parte dela e poucas vezes se vê representado em matérias jornalísticas.

O audiovisual também nos deu a oportunidade de mostrar a fala, os olhares, as cores e

as expressões de quem queríamos retratar. Há também o fato de que o gênero televisivo muitas vezes é espaço de notícia rápida demais e reflexão e profundidade de menos. Essa seria também uma chance de produzir um conteúdo jornalisticamente denso sobre um assunto que exige tempo e sensibilidade para ser noticiado.

O documentarista, pesquisador e professor nos cursos de jornalismo da Universidade de São Paulo (USP) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Renato Levi, afirma em breve explanação sobre o gênero no jornalismo onde:

(...) não há muito espaço para a complexidade e a reflexão. Apesar das infinitas possibilidades dadas pelo caráter híbrido das linguagens audiovisuais, os formatos informativos da televisão massificada são, em geral, muito semelhantes, repetitivos, limitados. (LEVI, 2014, p. 3-4)

O documentário, por sua vez, seria "campo profícuo para o exercício de um jornalismo aprofundado, independente e instigante capaz de dar conta de assuntos complexos" (Ibidem, p. 15). O formato exige conhecimentos específicos e equipamentos elaborados. Há diversas etapas no seu processo de feitura, desde a pesquisa inicial até a construção das pautas, as gravações, o roteiro e a edição.

Ao entender que o documentário deve revelar um aspecto da realidade e produzir conhecimento sobre esta (...), torna-se necessário compreender seu método de construção e suas características investigativas. Com esse intuito, o autor aponta quatro fases da realização: pré-produção, produção, pós-produção e distribuição. (BAZI, OLIVEIRA, ROLDÃO, 2005, p. 121)

Para nos orientarmos, procuramos na metodologia sobre o documentário e a reportagem televisiva técnicas para elaborar cada uma dessas fases. Os professores doutores em Ciências da Comunicação pela USP, Rogério Eduardo Rodrigue Bazi e Ivete Cardoso do Carmo Roldão, e a professora mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, Ana Paula Silva Oliveira, em artigo publicado em 2005, puderam nos dar esta ajuda, sobretudo na fase mais importante, a de pré-produção:

Entende-se por pré-produção a fase de planejamento. Nessa etapa serão desenvolvidas as pesquisas necessárias para a composição do vídeo que devem incluir o levantamento de todas as informações disponíveis sobre o assunto enfocado: dados bibliográficos, pré-entrevistas, imagens de arquivo, visitas a campo, etc., o desenvolvimento do pré-roteiro (...) e o planejamento técnico da produção, incluindo o orçamento e todos os serviços e materiais que devem ser utilizados durante o processo. (Ibidem, p. 121)

A cineasta Sheila Curran Bernard, que lecionou como professora convidada na Princeton University, em Nova Jersey, nos Estados Unidos da América, escreveu um livro em 2008 em que ensina ao documentarista amador a lidar com todas essas especificidades do gênero para produzir um bom vídeo. *O Documentário - Técnicas para uma produção de alto*

impacto não trata exclusivamente de produções jornalísticas, mas também traz ótimas dicas para o início do produto fílmico. A sua definição do documentário é a seguinte:

Os documentários conduzem seus espectadores a novos mundos e experiências por meio da apresentação de informação factual sobre pessoas, lugares e acontecimentos reais, geralmente retratados por meio do uso de imagens reais e artefatos. (BERNARD, 2008, p. 2)

Através de sua experiência como cineasta, Bernard (2008) dá dicas de como construir um roteiro. É certo que, por não se destinar exclusivamente ao gênero jornalístico, muito do que a autora observa não estava de acordo com nosso projeto, mas outros trechos serviram de inspiração.

(...) os documentários devem ser mais do que um passatempo para o espectador; devem demandar seu engajamento ativo, desafiá-lo a pensar sobre o que sabe, como sabe e sobre o que mais pode querer saber. Um bom documentário confunde nossas expectativas, impele fronteiras para mais além e nos leva a mundos - tantos mundos literais como os das ideias - que até então não imaginávamos. (Ibidem, p. 4)

O *Co.nhe.cer* se encaixa nesta definição a partir do momento em que vai além do passatempo e da experimentação, tratando de um tema relevante jornalisticamente, com espaço para a informação e a contestação de dados. Embora com limitações de equipamentos, o que em alguns momentos ficou explícito na qualidade da imagem e do som deste vídeo, o conteúdo trazido por ele tinha o papel de se sobrepôr a estes pontos.

Sobre a relação documentário-jornalismo, pretendemos fazer um rápido comentário, com o intuito de justificar que o nosso trabalho se trata de um documentário eminentemente jornalístico. Primeiro, é importante dizer que o documentário se aproxima do jornalismo pelo fato de geralmente tratar de situações reais como tema. Nem por isso ele sempre é jornalismo, uma vez que, como já falado acima, há critérios e técnicas numa produção jornalística.

O documentário jornalístico, por sua vez, traz, além de temas reais, com personagens reais e com poucos ou nenhum ponto fictício, informações apuradas, contrapontos importantes e assuntos relevantes social e politicamente. A reportagem de televisão, gênero clássico do jornalismo, diferencia-se do documentário primeiro no seu tamanho, tempo e gasto de apuração, além da profundidade dos fatos que só este tem condições de oferecer (BAZI, OLIVEIRA, ROLDÃO, 2005).

Além da profundidade, o documentário traz uma característica bem singular, que, se bem aproveitada, pode acrescentar ainda mais num vídeo jornalístico: o caráter autoral (GOMES, MELO, MORAIS, 2001, p. 5). Enquanto as reportagens de televisão geralmente seguem o mesmo padrão e dão pouco espaço para o repórter, que precisa em pouco tempo

passar uma informação factual, o documentário permite que se conheça um pouco quem o produziu.

“Essa característica implica afirmar que o documentário é um gênero fortemente marcado pelo ‘olhar’ do diretor sobre seu objeto” (Ibidem, p. 5). É inegável que *Co.nhe.cer* traz muito do nosso olhar sobre a educação, a importância que damos à Educação de Jovens e Adultos e, sobretudo, as sutilezas que enxergamos nas histórias para além dos números e nas estatísticas. Isso não fere, porém, a credibilidade do nosso trabalho.

Afirmar que o documentário é marcado pela subjetividade do diretor não significa dizer que ele seja por natureza monofônico, isto é, que dê vez e voz a apenas um lado da história, omitindo outros (Ibidem, p. 6).

Outra característica do documentário, que se expressa no nosso trabalho, é a não necessidade da presença do narrador. Nesse gênero, as histórias podem ser contadas pelos próprios personagens e pelos dados dispostos durante o vídeo. Gomes, Melo e Morais (2001) também falam do uso de imagens e de depoimentos como documentos. “Partindo de um fato, procura mapear outros fatos correlacionados, acontecimentos interligados, causas e conseqüências” (2005, p. 8).

Um ponto importante discutido por esses autores merece ser destacado, que é o que eles chamam da tendência do documentário trazer uma “moral da história” (2005, p. 11). Embora não seja a nosso objetivo principal a conscientização do público sobre a Educação de Jovens e Adultos, é inquestionável que o vídeo acaba caminhando por esse sentido e termina mostrando que é possível, sim, construir uma carreira e concluir os estudos mesmo na EJA.

9. METODOLOGIA

Tratar de uma temática que não faz parte da realidade das autoras e que também não é muito difundida exigiu uma etapa de pesquisa além dos números, já exposta no item 5 deste relatório. Essa investigação, que condiz com os procedimentos jornalísticos, assim como para quem pretende iniciar um documentário, serviu-nos como passo de aproximação e compreensão da temática, importante para encontrar questões a serem extraídas sob o ponto de vista da apuração.

Aliada a isso, a fase de trabalho em campo iniciou-se na busca de fontes para o material audiovisual, com base em dados de desempenho das escolas municipais. Sabíamos desde o início que, embora não tivéssemos fixado um número máximo de fontes, somente algumas seriam escolhidas para participar do documentário, enquanto outras iriam contribuir

com informações e outras questões sobre as quais não havíamos pensado ou nos fossem desconhecidas.

A entrevista de natureza qualitativa foi a técnica essencial utilizada na pesquisa, considerando a análise de conteúdo das entrevistas e das imagens selecionadas e, posteriormente, sequenciadas. Visando apresentar ao público um produto organizado e coerente, cumprimos as etapas de apuração, produção, execução e edição. Na perspectiva de uma grande reportagem, a pauta geral, e personalizada em partes, considera os elementos de seleção e hierarquização de conteúdo, característicos do produto jornalístico, de qualquer natureza.

9.1 - Mapeando fontes

Fortaleza é uma cidade de contrastes e que vive numa inquietante transformação, sob alguns aspectos. Os 119 bairros que formam sua extensão territorial de aproximadamente²³ 314 km² possuem características próprias em termos de organização social, urbanística, econômica, contextual, de hábitos, etc. Para uma das metrópoles nacionais do Brasil, país também marcado pela diversidade, essas diferenças são esperadas.

À vista disso, como poderíamos contemplar a “realidade” de Fortaleza dado o recorte do trabalho, considerando as circunstâncias observadas? O que pareceu mais coerente e necessário ao surgimento da questão foi tentar uma aproximação de tal “realidade” buscando fontes no ambiente escolar em locais distintos na cidade.

Inicialmente pensou-se que os personagens poderiam ser contabilizados exatamente em seis, coincidindo com a divisão espacial-administrativa de Fortaleza que a classifica em seis Secretarias Executivas Regionais (SERs), acrescida da regional do Centro. Dessa forma, haveria uma representação plural, carregada de vivências particulares.

O que não significa, porém, que se encontre nos perfis selecionados a generalização do conjunto de características de cada localidade, que um seja capaz de ser tomado como padrão pelo todo, e em nenhum momento há pretensão disso. A intenção da busca é de que o personagem seja visto como um indivíduo cujo modo particular de ser possa refletir aspectos, sejam muitos ou poucos, do meio e do contexto em que vive.

²³ Dado coletado no site Anuário do Ceará 2016-201. Disponível em: <<http://www.anuarioceara.com.br/cidades/fortaleza/>>

Dessa forma, as escolas municipais que ofertam a EJA seriam o ponto de partida para encontrar os personagens. Mas antes foi preciso estabelecer critérios que validassem a escolha de seis escolas entre as 87 desta modalidade em Fortaleza.

Para montarmos um parâmetro esquemático de definição, optamos por utilizar os dados do rendimento escolar 2014. A taxa de rendimento escolar e o movimento de alunos da educação básica são calculados em pesquisa realizada anualmente no Brasil, na qual se determina os índices de aprovação, reprovação e abandono. Os dados são coletados no Censo Escolar²⁴ junto às instituições de ensino e divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

Conforme definição do Inep, a taxa de aprovação “indica a porcentagem de alunos que, ao final do ano letivo, alcançaram os critérios mínimos para a conclusão satisfatória da etapa de ensino na qual se encontrava”; a taxa de reprovação “indica a porcentagem de alunos que, ao final do ano letivo, não alcançaram os critérios mínimos para a conclusão da etapa de ensino na qual se encontrava”; a taxa de abandono “indica a porcentagem de alunos que deixaram de frequentar a escola após a data de referência do Censo”.

O resultado final do Censo Escolar relativo ao rendimento escolar (aprovação/reprovação) e à movimentação dos discentes (transferência, falecimento, abandono) ocorre numa segunda etapa da pesquisa, chamada de “Situação do Aluno” — quando é calculado com informações do parecer final de matrícula dos alunos da educação básica na rede pública e particular de ensino. Realiza-se essa etapa no início do ano seguinte ao ano que está sendo apurado. Por exemplo, os dados de rendimento do Censo Escolar 2016 são coletados no começo do ano 2017. Os mesmos dados de 2015 foram coletados no começo de 2016, pela plataforma EducaCenso, entre os dias 22 de fevereiro a 09 de abril de 2016, segundo site do Inep.

Até o momento da aplicação do método para seleção das escolas, os últimos dados consolidados eram do Censo Escolar 2014. Por essa razão, estão sendo utilizados como referência no critério.

Foram solicitados à Secretaria de Educação Municipal de Fortaleza os dados de rendimento em 2014 somente das escolas que possuem turmas de EJA. Verificou-se no arquivo enviado pela SME, a divisão das escolas por “Distritos” e não por Regional, como se esperava. A secretaria foi contatada novamente para explicar sobre a adoção do termo. A

²⁴ O Censo Escolar faz um rico levantamento sobre as escolas, os alunos, os professores e as turmas da educação básica do Brasil. A pesquisa serve de orientação para incentivo e avaliação de políticas públicas educacionais, planejamentos na área, entre outras atribuições. Ver mais informações em: <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo>>

pasta respondeu que a mudança da divisão das escolas para “Distritos Educacionais” aconteceu em 2012²⁵ e passou a valer em 2013.

O objetivo foi equilibrar a distribuição das escolas e suas demandas entre os, atuais, “Coordenadores de Distrito”, com base em critério geográfico. As regionais 2 e 6, conforme exemplo citado pela secretaria, respectivamente apresentam 52 e 119 escolas de ensino infantil e/ou fundamental e/ou EJA. Pela nova divisão, o Distrito 2 possui 88 unidades escolares e o Distrito 6 possui 92 do total de colégios da rede municipal.

Mesmo sendo de uso interno da secretaria, acolheu-se essa forma de divisão no procedimento para a seleção das instituições. Duas etapas principais compõem essa fase do projeto para preencher os critérios estabelecidos: primeiro há uma classificação do índice geral por distrito e depois há uma classificação do índice geral por escolas que são atendidas pela zona. Os critérios adotados são, por ordem, os seguintes: maior taxa de aprovação; menor taxa de aprovação; maior taxa de reprovação; menor taxa de reprovação; maior taxa de abandono; menor taxa de abandono.

Após a aplicação do método, constituiu-se como resultado a tabela abaixo.

Tabela 1 – Escolas de Fortaleza selecionadas para as visitas, com base no Censo Escolar 2014

Critério	Distrito	Índice geral	Escola Municipal	Índice da escola	Bairro
Maior taxa de aprovação	I	43,5%	E.M. Prof.º Martinz de Aguiar	77,5%	Monte Castelo
Menor taxa de aprovação	II	30,1%	E.M. José Dias Macedo	8,3%	Meireles
Maior taxa de reprovação	III	18,1%	E.M. Dolores Alcantara	43,9%	Autran Nunes
Menor taxa de reprovação	VI	12,7%	E.M. Sino Pinheiro	3,9%	Barroso
Maior taxa de abandono	V	49,6%	E.M. Edmilson Pinheiro	62,6%	Granja Lisboa

²⁵ A SME informou que a redistribuição das escolas em distritos foi feita no início da gestão do prefeito Roberto Cláudio, em 2012, quando o secretário da educação era Ivo Ferreira Gomes. A nomenclatura serve para todas as unidades escolares.

Menor taxa de abandono	IV	46,8%	E.M. Raimundo Soares de Souza	34,0%	Vila Peri
------------------------	----	-------	-------------------------------	-------	-----------

Fonte: SME; INEP/Censo Escolar - 2014

O objetivo do procedimento é garantir que não haja repetição entre escolas e que todos os distritos sejam contemplados em algum critério. Observando a possibilidade de um mesmo distrito classificar-se em mais de um critério, aplica-se uma terceira etapa de “filtragem”. Ocorrendo tal fato, anula-se o distrito repetido para assumir o que ocupa a segunda posição imediata.

Assim, detalhamos por item a maneira com a qual obteve-se a lista das instituições relacionadas, começando pela taxa de aprovação. Observe a tabela:

Tabela 2 – Taxa geral de aprovação por Distrito - EJA 2014

Distrito	Rendimento
I	43,5%
II	30,1%
III	38,5%
IV	37,8%
V	35,6%
VI	36,5%

Fonte: SME; INEP/Censo Escolar - 2014

Percebe-se pela tabela os dois primeiros critérios de classificação, o de maior taxa de aprovação — representado pelo distrito I, com percentual de 43,5% — e o de menor taxa de aprovação — representado pelo distrito II, com percentual de 30,1%. A análise das escolas configura a segunda etapa do método.

Tabela 3 – Índice geral de aprovação das escolas do distrito I - EJA 2014

Escolas	Rendimento
E.M. HILBERTO SILVA	47,7%
E.M. JOSÉ DE ALENCAR	22,4%
E.M. PROF.º MARTINZ DE AGUIAR	77,5%

E.M. AGOSTINHO MOREIRA E SILVA	53,7%
E.M. PROF.º JOSÉ REBOUÇAS MACAMBIRA	42,0%
E.M. HERONDINA LIMA CAVALCANTE	60,8%
E.M. FRANCISCO DOMINGOS DA SILVA	34,7%
E.M. GUSTAVO BARROSO	35,8%
E.M. MARIA ROSELI LIMA MESQUITA	29,5%
E.M. CRISTO REDENTOR	59,3%
E.M. ANTÔNIO CORREIA LIMA	35,6%

Fonte: SME; INEP/Censo Escolar - 2014

Pode-se observar que entre as unidades do distrito I, a escola que possui a maior taxa de aprovação é a E.M. Prof.º Martinz de Aguiar (77,5%). Na tabela 4, encontramos a relação das escolas do distrito II, classificado como o de menor rendimento geral em aprovação. Assim, a E.M. José Dias Macedo corresponde a menor taxa deste tópico relativa ao segundo distrito. Veja:

Tabela 4 – Índice geral de aprovação das escolas do distrito II - EJA 2014

Escolas	Rendimento
E.M. JOSÉ RAMOS TORRES DE MELO	23,4%
E.M. PROF.ª BELARMINA CAMPOS	34,5%
E.M. JOSÉ DIAS MACEDO	8,3%
E.M. GODOFREDO DE CASTRO FILHO	31,4%
E.M. DOM ALOISIO LORSCHIEDER	44,3%
E.M. FREI TITO DE ALENCAR LIMA	48,4%
E.M. PROF.º LUIS COSTA	52,6%
E.M. ISMAEL PORDEUS	35,9%
E.M. PROF.ª ADELIA MARIA BRAGA COSTA	26,7%
E.M. ALMERINDA DE ALBUQUERQUE	0,0% ²⁶

²⁶ Escolas com taxas iguais a 0,0% foram desconsideradas na pesquisa porque tratam-se de escolas novas à época do levantamento, segundo a Coordenadoria de Planejamento da SME.

E.M. PROF. ^a CONSUELO AMORA	43,8%
E.M. PROF. ^o JOÃO HIPOLYTO DE AZEVEDO E SÁ	19,4%
E.M. PROF. ^o MONTEIRO DE MORAES	18,8%
E.M. PROF. ^a MARIA ODNILRA CRUZ MOREIRA	23,7%
E.M. PROF. ^a EDITH BRAGA	29,6%
E.M. PROF. ^o FRANCISCO MAURICIO DE M. DOURADO	23,2%
E.M. PROF. ^a MARIA GONDIM DOS SANTOS	18,3%
E.M. IRMA SIMAS	35,4%
E.M. ODILON GONZAGA BRAVEZA	14,1%

Fonte: SME; INEP/Censo Escolar - 2014

O mesmo processo foi replicado ao critério de reprovação. Parte-se das médias dos distritos para em seguida lançarmos o olhar sobre estes em busca da unidade escolar que se encaixe no mesmo parâmetro.

Tabela 5 – Taxa geral de reprovação por Distrito - EJA 2014

Distrito	Rendimento
I	7,8%
II	16,4%
III	18,1%
IV	15,4%
V	14,7%
VI	12,7%

Fonte: SME; INEP/Censo Escolar - 2014

Nota-se a maior taxa de reprovação no distrito III. Entre as escolas da zona, a E.M. Dolores Alcantara obedece a mesma condição.

Tabela 6 – Índice geral de reprovação das escolas do distrito III - EJA 2014

Escolas	Rendimento
---------	------------

E.M. GABRIEL CAVALCANTE	6,0%
E.M. PROF.º CLODOALDO PINTO	0,0%
E.M. DOLORES ALCANTARA	43,9%
E.M. NILSON HOLANDA	2,9%
E.M. JOAQUIM NOGUEIRA	5,1%
E.M. SANTA MARIA	24,1%
E.M. ADROALDO TEIXEIRA CASTELO	13,5%
E.M. JOSÉ ALCIDES PINTO	30,1%
E.M. PROF.º DENIZARD MACEDO DE ALCANTARA	17,1%
E.M. PRESIDENTE KENNEDY	33,3%
E.M. FRANCISCA FERNANDES MAGALHÃES	17,5%
E.M. JOSÉ NAURI BRAGA-EF	27,3%
E.M. PROF.º GERARDO MILTON DE SÁ	21,0%

Fonte: SME; INEP/Censo Escolar - 2014

Quanto à menor taxa, verifica-se que o distrito I apresenta índice 7,8%, ver *Tabela 5*. No entanto, o primeiro distrito já foi contemplado no item maior taxa de aprovação. Aplicase, então, uma terceira etapa excluindo o distrito I. Dessa forma, o segundo menor percentual de reprovação pertence ao distrito VI, com 12,7%. Comparando as escolas, a selecionada é a E.M. Sino Pinheiro. Compare:

Tabela 7 – Índice geral de reprovação das escolas do distrito VI - EJA 2014

Escolas	Rendimento
E.M. FRANCISCA ORIA SERPA	40,0%
E.M. VEREADOR JOSÉ BARROS DE ALENCAR	8,7%
E.M. MARIETA CALS	10,4%
E.M. SINO PINHEIRO	3,9%
E.M. BARBARA DE ALENCAR	14,2%
E.M. PAULO SÉRGIO DE SOUSA LIRA	5,4%

E.M. DEMÓCRITO ROCHA	10,3%
E.M. PROF. ^a FERNANDA MARIA DE ALENCAR COLARES	5,7%
E.M. MANUEL LIMA SOARES - EI EF	5,0%
E.M. JOÃO SARAIVA LEÃO	6,0%
E.M. MARIA HELENILCE CAVALCANTE LEITE MARTINS	12,5%
E.M. PROF. ^a TEREZINHA FERREIRA PARENTE	13,6%
E.M. OTAVIO DE FARIAS	17,4%
E.M. PROF. ^o CLODOMIR TEÓFILO GIRÃO	12,3%
E.M. RAIMUNDO DE MOURA MATOS	17,3%
E.M. ANGELICA GURGEL	13,4%
E.M. TAIS MARIA BEZERRA NOGUEIRA	13,2%
E.M. MOREIRA DA ROCHA	23,3%
E.M. DELMA HERMINIA DA SILVA PEREIRA	19,4%

Fonte: SME; INEP/Censo Escolar - 2014

Os distritos IV e V restam a se encaixar no critério de abandono e sua subdivisão.

Tabela 8 – Taxa geral de abandono por Distrito - EJA 2014

Distrito	Rendimento
I	48,7%
II	53,4%
III	43,4%
IV	46,8%
V	49,6%
VI	50,8%

Fonte: SME; INEP/Censo Escolar - 2014

Verifica-se para este último item os distritos II e III com maior e menor indicador de abandono no rendimento escolar EJA 2014 em Fortaleza, respectivamente. Passemos para as segundas posições imediatas, visto que eles se repetem em outros critérios.

Assumem então os distritos VI, com 50,8%, segunda maior taxa de abandono, e IV com 46,8%, segunda menor taxa de abandono. Como o distrito VI já representa a menor taxa de reprovação, resta o distrito V — assumindo o critério de maior taxa de abandono, com 49,6%, por vir logo após do segundo descartado.

Tabela 9 – Índice geral de abandono das escolas do distrito V - EJA 2014

Escolas	Rendimento
E.M. CREUSA DO CARMO ROCHA	38,5%
E.M. PROFESSOR AMÉRICO BARREIRA	59,3%
E.M. HENRIQUETA GALENO	39,1%
E.M. HERBERT DE SOUZA	46,1%
E.M. FRANCISCO EDMILSON PINHEIRO	62,6%
E.M. PROF. ^a LIREDA FACO	48,2%
E.M. MARIA BEZERRA QUEVEDO	50,0%
E.M. PROF. ^o EDILSON BRASIL SOAREZ	41,5%
E.M. PADRE ANTONIO MONTEIRO DA CRUZ	62,0%
E.M. MURILO AGUIAR	37,5%
E.M. JOÃO MENDES DE ANDRADE	55,4%
E.M. NOVO RENASCER	57,9%
E.M. FLORIVAL ALVES SERAINE	60,8%
E.M. JOAQUIM ALVES	48,3%

Fonte: SME; INEP/Censo Escolar - 2014

Comparando os rendimentos das E.M. acima, o colégio Francisco Edmilson Pinheiro apresenta a maior taxa de abandono, com 62,6%.

Tabela 10 – Índice geral de abandono das escolas do distrito IV - EJA 2014

Escolas	Rendimento
---------	------------

E.M. JOAO HILDO DE CARVALHO FURTADO	53,8%
E.M. PROF.º JACINTO BOTELHO	51,4%
E.M. PROF.º JOSÉ VALDEVINO DE CARVALHO	64,9%
E.M. PROJETO NASCENTE	50,6%
E.M. JOSÉ BATISTA DE OLIVEIRA	34,3%
E.M. HAROLDO JORGE BRAUN VIEIRA	59,6%
E.M. VICENTE FIALHO	63,8%
E.M. RAIMUNDO SOARES DE SOUZA	34,0%
E.M. MARIA ZÉLIA CORREIA DE SOUZA	35,4%
E.M. WALDEMAR BARROSO	42,2%
E.M. CASIMIRO MONTENEGRO	35,0%

Fonte: SME; INEP/Censo Escolar - 2014

Por fim, a E.M. Raimundo Soares de Souza fecha o último quesito com 34,0% de índice geral de abandono, o menor do do distrito IV. É preciso ressaltar que a divisão adotada foi por “Distritos”, mas coincidentemente as escolas selecionadas correspondem às seis regionais, exceto a SER Centro, sendo cada uma de regional diferente.

9.2 Informações sobre as escolas

O percentual de rendimento das escolas é calculado sobre o número absoluto de alunos matriculados. Utilizamos a média geral de cada unidade porque algumas ofertam somente os anos iniciais ou os anos finais para turmas EJA. A modalidade apenas presencial deste ensino e a oferta de turmas noturnas são pontos comuns entre as escolas visitadas pela pesquisa. A seguir temos informações de cada uma das seis escolas selecionadas.

a) E.M. Prof.º Martinz de Aguiar

A escola municipal Professor Martinz de Aguiar localiza-se na rua Bernardo Porto, 470, bairro Monte Castelo. Possui ensino regular, com creche, pré-escola e ensino fundamental, e Educação de Jovens e Adultos nos anos iniciais e finais. A escola tem uma turma para cada EJA a partir do nível 3.

b) E.M. José Dias Macedo

A escola municipal José Dias Macedo localiza-se na rua Nunes Valente, 809, Meireles. Situada numa área nobre de Fortaleza, a escola funciona num espaço cedido pelo empresário Dias Macedo, o prédio é rodeado de altos edifícios residenciais. Na E.M., a pré-escola, o ensino fundamental, e a Educação de Jovens e Adultos nos anos iniciais e finais são os ensinamentos ofertados. Em maio de 2016, a escola possuía 23 alunos na EJA II; 20 alunos na EJA III; 25 alunos na EJA IV; 15 alunos na EJA V.

c) E.M. Dolores Alcantara

A escola oferta turmas de ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos nos anos iniciais e finais. Em maio de 2016, a escola tinha uma turma de EJA I, outra de EJA II, mais outra de EJA III. EJA IV e EJA V possuíam duas turmas para cada nível. Dos 176 alunos das EJAs IV e V, 87,5% são estudantes de 15 a 24 anos. O endereço da unidade é rua Cardeal Arcoverde, S/N, bairro Autran Nunes.

d) E.M. Sinó Pinheiro

Estabelecida na rua 14, número 151, bairro Barroso, a escola municipal Sinó Pinheiro trabalha com turmas de creche, ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos, nos anos iniciais e finais. A escola tem duas turmas de EJA IV; duas turmas de EJA V; uma turma de EJA III; uma turma de EJA II; uma turma de EJA I.

e) E.M. Francisco Edmilson Pinheiro

A escola municipal Edmilson Pinheiro localiza-se na avenida H, 2115, Granja Lisboa. Ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos nos anos iniciais e finais são os ensinamentos ofertados.

f) E.M. Raimundo Soares de Souza

A escola municipal Raimundo Soares de Souza funciona na rua Costa Freire, 550, Vila Peri. São abrigadas as turmas dos anos intermediário do ensino fundamental e dos anos finais na Educação de Jovens e Adultos. Lá há mais de 120 alunos matriculados em turmas de EJA III, EJA IV e EJA V. Em levantamento realizado no segundo semestre de 2015, ainda sem a consolidação definitiva dos dados, a razão para o número de alunos assíduos ficava em torno de 50%: EJA III - 39 matriculados / 25 frequentadores; EJA IV - 62 matriculados/ 35 frequentadores; EJA V - 45 matriculados/ 24 frequentadores.

9.3 - *Em busca das fontes*

O primeiro contato foi feito com a SME para indicar interesse em visitar as escolas selecionadas pelo método acima, resolver questões burocráticas de autorização (se assim houvesse) e receber o registro telefônico dos diretores das unidades escolares. Sob agendamento prévio com as escolas, saímos em busca de perfis de alunos com idades, séries, motivações, dificuldades e histórias diversificadas.

Conversamos com funcionários dos colégios, professoras e diretoras na área da EJA com o objetivo de conhecermos mais sobre esse universo e as particularidades do meio social e contexto dentro de cada escola, descobrirmos aspectos pouco claros, acrescentando à nossa apuração visões com a propriedade de quem vivencia e trabalha com o tema.

Visitamos as seis escolas no período noturno. No trabalho de campo inicial, recolhemos dados, observando a infraestrutura das edificações, atentando-nos à comunidade em que a escola estava situada, relacionando hábitos característicos dos alunos que frequentavam as escolas. Conversando e ao mesmo tempo realizando uma pré-entrevista a fim de adentrar num processo de reconhecimento das fontes (WATTS, 1990. p. 31).

Acompanhamos duas aulas em séries distintas a cada noite, aproveitando o horário de intervalo para a troca de turma. Nosso pedido junto a direção era que não nos apresentasse como estudantes de jornalismo, apenas como estudantes universitárias realizando uma pesquisa, e não revelasse nosso objetivo.

A medida foi tomada como dupla precaução: minimizar a interferência no comportamento dos estudantes em sala de aula, de modo que essa mudança não viesse a prejudicar a pesquisa, e não gerar expectativa por causa do trabalho; salvaguardar a integridade das autoras nas escolas e em algumas das salas visitadas em que havia matriculados jovens em situação de vulnerabilidade social e/ou cumpriam medidas socioeducativas dado à imagem denunciativa e policialesca facilmente atribuída ao jornalismo, já tão incorporada na rotina de algumas zonas periféricas da cidade, considerando a possibilidade de constrangimentos ou desgastes para ambas as partes.

Nesse momento, com um corpus já numericamente delimitado, conhecemos a fundo as histórias das “pessoas selecionadas” para entender de que maneira poderiam contribuir no projeto, possibilitando refinar ainda mais o leque de personagens surgidos no primeiro estágio de contato caso quiséssemos.

Essa etapa nos auxiliou na escolha dos perfis que melhor se encaixavam na proposta da pesquisa e também numa melhor definição dos papéis a serem desempenhados no documentário, assim como os entrevistados poderiam ser inseridos na narrativa. Em algumas

escolas, obtivemos êxito em encontrar os personagens logo no primeiro encontro, em outras tivemos de voltar outras vezes. Também tivemos de saber lidar com as recusas de alguns. Até a decisão final de quais pessoas participariam do documentário, primamos pela pluralidade entre as personalidades.

Um roteiro prévio com perguntas serviu de fio condutor para as entrevistas durante a gravação. Elaboramos as pautas com perguntas individualizadas, respeitando as particulares vivências de cada um, e gerais (comuns a todos os personagens) da entrevista geradas a partir de eixos de conteúdo: motivação/restrições; casos de evasão, consigo ou relatos que conhecesse, e por qual motivo teve de interromper os estudos; experiências – conquistas; o processo de aprendizado; como se sente na escola e o porquê decidiu voltar.

Em muitos casos, o trabalho de roteirização, feito ainda na pré-produção do filme, vai se contentar em estabelecer uma estrutura básica que servirá como mapa de orientação para o documentarista durante as filmagens, com maleabilidade suficiente para que possa ser alterado no decorrer da produção, em razão de possíveis imprevistos” (PUCCINI, 2010, p.24).

Na adoção do formato depoimento, como fizemos, a orientação sobre a ideia do projeto e como se dará a entrevista mostra-se crucial para o personagem, que não está acostumado com esse tipo de situação, e em prazo imediato para a equipe. Isso porque as respostas precisam, na medida do possível, fazer sentido por si só, sem necessitar de uma pergunta originadora que ajude na compreensão do espectador.

Para isso, as sonoras devem ser precisas, claras e bem estruturadas. A orientação consiste em apenas querer alcançar o resultado desejado do formato, respeitando a espontaneidade e a livre manifestação de pensamento dos entrevistados. Acreditamos que essas questões substanciais só consigam ficar claras no momento de pré-entrevista, por isso a total importância desse contato.

Essa conversa prévia para esclarecer pontos e eliminar dúvidas proporciona objetividade à gravação. Se o entrevistado conseguir falar claramente o que pensa, sem ser prolixo demais ou empregar muitos termos técnicos, melhor para ele e para nós. Instrua-o a este respeito. (BISTANE; BARCELLAR, 2008, p.17)

9.4 - Os personagens

Saímos em busca de dois a três personagens por escola com o propósito de que um desses se tornasse o personagem principal de cada escola, enquanto os outros fossem as fontes complementares à história e ao contexto desse personagem, além de contribuírem com visões mais gerais e/ou pessoais acerca da EJA.

Em cada relato ouvido, procuramos compreender aquilo que mais o diferenciava dos demais. Estávamos, dessa forma, organizando a forma de abordagem, os pontos comuns do discurso que poderiam se encaixar durante a narrativa e uma ordem hierárquica de fala. Recebemos algumas recusas, como já previsto, embora bem menos do que esperávamos. Apenas duas fontes não quiseram gravar a entrevista em vídeo, mas aceitaram contribuir com nosso trabalho nas conversas prévias. Nenhuma delas era personagem principal.

Totalizamos em treze entrevistados, entre principais e complementares na ordem pré-estabelecida. Entretanto, a análise cuidadosa das entrevistas após as gravações nos permitiu flexibilizar alguma estrutura que havíamos traçado. Respeitando a maneira de pensamento de cada, primamos pelos conteúdos contidos nos depoimentos e a eles demos destaques diferentes (como tempos de fala ou de micro-histórias dentro da história maior). A maioria é adulto, apenas uma é jovem. Tivemos certa dificuldade em encontrar jovens que quisessem e pudessem falar para o documentário, seja por razões particulares (como vergonha), familiares, vulnerabilidade social e/ou casos de conflitos com a lei.

Apresentamos nossos personagens a seguir como os conhecemos:

a) Dona Mocinha

Maria das Dores de Sousa, aposentada, tem 94 anos e mora só em uma casa modesta, de poucos cômodos, na Vila Peri, por vontade própria. Mocinha é apelido de juventude. Em 2015, era a aluna mais idosa da EJA da rede pública municipal de Fortaleza. Foi a primeira fonte que encontramos, a partir de uma publicação no Facebook de uma servidora da SME que contava sobre o status da senhorinha estudante.

Dona Mocinha sentia e ainda sente vontade de estudar simplesmente por aprender, não pôde quando mais jovem e nem durante a idade adulta por necessidade de trabalhar. Antes da escola, ela não sabia ler nem escrever o próprio nome. Foi uma vizinha que a convidou para estudar e ela aceitou. A vizinha deixou de ir às aulas, mas dona Mocinha persistiu enquanto houve possibilidade.

Quedas e dores de joelho, desde o ano passado, a impediram de continuar os estudos novamente, nem chegou a fazer matrícula no ano letivo 2016. Estudava na escola Raimundo Soares de Souza, Regional IV. Por essas razões, tivemos de fazer duas etapas de entrevista. A primeira, em novembro de 2015, algumas semana após uma queda. Mocinha ausentou-se da escola no segundo semestre do ano passado, recuperou-se, mas não conseguiu voltar à sala de aula.

Novamente ela levou um tombo que a deixou andando com dificuldade até em curtas distâncias, como entre um cômodo e o outro da casa. Realizamos, então, uma segunda entrevista em fevereiro de 2016. Seus relatos são bastante pessoais, de vivências e impressões, e guiam até certo ponto a história do documentário. Nas duas ocasiões, ela mantinha a esperança de conseguir retornar ao colégio.

b) Dona Antônia

Antônia Freitas, 69 anos, é aposentada. Tem quatro filhos, e por insistência de uma filha voltou aos estudos. Estuda na escola Raimundo Soares de Souza, na turma EJA III. Quando Mocinha frequentava a escola, as duas eram da mesma sala. As amigas, quando se encontravam, no caminho para aula eram companhia uma da outra, por vezes, Antônia ajudava a levar o material escolar de dona Mocinha. Aliás, depois dela, Antônia é a aluna mais velha na escola.

Em seu depoimento, Antônia trouxe a carga de afetividade que os alunos das séries iniciais de EJA geralmente desenvolvem pelo hábito de estudar, pela escola, professores e colegas. Contou-nos as barreiras pessoais para tomar a decisão ir à escola e se acostumar com a ideia, como vergonha e desconfiança na própria capacidade.

Estuda há mais de 6 anos (não sabe ao certo quanto tempo), mas guarda todas as agendas desde que começou a estudar, como pode ser conferido alguns exemplares no documentário. Antônia repetiu algumas vezes a mesma série porque tem de superar ainda certa dificuldade em matemática e também porque criou afeição pela professora, mas agora sentiu que precisa progredir.

c) Diretora Conceição

Maria da Conceição do Nascimento Ferreira, 47 anos, é formada em Pedagogia e Letras. Há 23 anos dedica-se à área da Educação. Na rede estadual de ensino atuou como professora e coordenadora. Na rede municipal, assumiu a direção da E.M. Professor Martinz de Aguiar, no bairro Monte Castelo. Lecionou em turmas de EJA III, EJA IV e no que antes era chamado de TAM (Tempo de Avançar do Ensino Médio).

A primeira experiência que teve em uma turma de EJA foi numa escola localizada no bairro Pirambu, conhecido pelos altos índices de violência. Segundo a ela, a turma era muito “complexa”, a maioria dos alunos não tinha vivência positiva com a educação e ela era a quinta professora no mês de março a entrar para assumir naquela sala. De 38 matriculados, apenas 8 frequentavam as aulas. Conceição conta ter enfrentado resistência dos alunos, no

início, e que foi preciso conquistá-los para que o restante da classe retornasse à escola e finalizasse o ano letivo. Ela chegou ao fim do ano com 36 alunos.

A experiência exitosa foi fruto de um trabalho de aproximação e reconhecimentos dos contextos e histórias de cada um dos alunos, na compreensão de tal realidade. Essa postura, Conceição carrega consigo. Em uma das cenas do documentário, Conceição aparece dentro de um carro percorrendo ruas no entorno da escola. Durante o caminho, percebemos pelos acenos e cumprimentos que as pessoas daquela região, alunos, pais, comerciantes, vizinhos, conheciam Conceição e ela os conhecia também.

A EJA também se fez presente na vida familiar de Conceição: a mãe começou a estudar depois do 40 anos de idade e conseguiu graduar-se em História. O modo como conduz as questões relacionadas à educação, sem se restringir apenas ao ambiente escolar, e suas modalidades - por exemplo, a educação inclusiva -, e os depoimentos carregados de fortes opiniões fez com que a convidássemos para ser uma de nossos entrevistados.

d) Maxuel Almeida e Inês, a mãe

Mãe e filho frequentam a E.M. Professor Martinz de Aguiar. Ele, estuda; ela, acompanha o jovem no trajeto para as atividades escolares e ali permanece até que a aula ou a orientação especial acabe.

Maxuel Almeida, 23 anos, é aluno da educação especial na EJA V. As aulas regulares acontecem à noite, duas vezes por semana ele é assistido pelo Atendimento Educacional Especializado na escola. Diz sentir-se bem na escola que estuda atualmente. Durante a vida escolar, ele já passou por sete colégios anteriores. A mãe, Inês, encara a aula do filho como forma de satisfazer a vontade dele.

O sonho de Maxuel é trabalhar como técnico de Endemias. Ele já sabe ler, escrever, comunica-se e apresenta boa memória. "Às vezes eu vou pro centro, essas coisas, ele sabe mais o caminho que eu, ele sabe onde é o ônibus, eu só faço mesmo acompanhar ele. Mas eu não quero que ele vá só", relata a mãe.

Apesar da inteligência e desenvoltura que Maxuel apresenta, dentro do seu quadro de saúde, Inês acredita "que ele sempre vai depender de alguém". Ainda assim, ressentido o provável fato do filho precisar parar de estudar, caso não consiga ficar novamente na classe da EJA V. Na entrevista, Maxuel interrompe essa explicação da mãe dizendo "não tem mais colégio".

e) Regina Célia

Regina Célia da Silva, 40 anos, é de Juazeiro do Norte. Veio para Fortaleza em busca de emprego, através de uma amiga. Desde então, já se passaram dez anos. Ela tem dois filhos; um de 18 anos e a Yasmin, de 11 anos.

A E.M. José Dias Macêdo, bairro Meireles, compõe parte da vida de Regina. Ela voltou a estudar para acompanhar o filho mais velho em sala de aula. Não chegamos a conhecê-lo, pois, segundo ela, o filho estava viajando. Regina prossegue estudando na EJA V. A caçula da família também estudou lá por alguns anos. Atualmente, acompanha a mãe à noite. Em alguns dias faz capoeira e outras atividades, em outros senta ao lado de Regina na sala de aula.

Regina encaixa-se no perfil geral dos estudantes da escola em que estuda: mulheres que trabalham no entorno e/ou vivem na comunidade próxima. Trabalhando há três anos como empregada doméstica numa mesma casa de família, ela aproveita as duas horas do intervalo no horário de almoço para estudar. Sai de casa às 05h30min e chega em casa às 16h20min. À noite, chega com antecedência para a aula que começa às 19h. Os planos dela é continuar estudando para fazer o curso de enfermagem. “Tô cansada de cuidar de casa, quero cuidar de gente agora”.

f) Professora Fran

Francileide do Vale Peixoto é professora da Regina na E.M. José Dias Macêdo. Trabalha três turnos, inclusive com crianças e adolescentes e, mesmo assim, ainda que sinta cansaço, é super atenciosa e dá a mesma aula em salas lotadas e salas com apenas dois alunos, literalmente. Em sala, a professora demonstra vocação. Parece ter desenvolvido uma relação de amizade com os alunos.

Quando a EJA da escola José Dias Macêdo passou por uma ameaça de fechamento em março de 2016 por causa do quantitativo de alunos, Fran era a única professora da escola na modalidade de ensino. O quadro de docentes estava incompleto na época.

g) Stella Oliveira

Orientadora pedagógica na EJA da E.M. José Dias Macêdo, esteve à frente do movimento em defesa da permanência da modalidade de ensino na escola, quando corpo docente e discente foram avisados pela Secretaria Municipal de Ensino que o turno da noite seria fechado por causa do quantitativo mínimo de alunos.

Parece ter uma relação íntima com a escola em que trabalha hoje. Diz se dedicar para tentar resolver o problema da evasão e das faltas, além de querer sempre fomentar a liderança

e a relação boa entre os alunos e a escola. Stella se considera uma apaixonada pela EJA, pelas histórias de vida dos alunos, pelo papel de educar.

h) Taís Andrade

É a nossa representante dos estudantes jovens na EJA. Conhecemos a garota de 17 anos numa aplicação de questionário da E.M. Dolores Alcântara para saber o perfil dos alunos que trabalhavam. A estudante trabalha em uma confecção de moda íntima da tia.

Parou de estudar com 15 anos, na 6ª série. O envolvimento com algumas “amizades ruins” e a morte da mãe, aos 14 anos, são motivos atribuídos por Taís pela interrupção dos estudos. No primeiro semestre de 2016, Taís morava no Autran Nunes com os sogros. O marido também não concluiu o ensino médio, está no 1º ano, mas não frequenta escola. Está em busca de emprego.

Taís não acha cansativo ir pra escola à noite, vai acompanhada do cunhado. Ela voltou às aulas no início do ano letivo de 2016, na EJA III. Pretende concluir os estudos para fazer um curso superior, mas ainda não decidiu qual. Por enquanto, sente que está num nível avançado ao que ela foi matriculada na escola.

i) Professora Fátima

Fátima Mendes é professora da Taís na E.M. Dolores Alcântara. Apresenta uma visão mais voltada para as condições mínimas educacionais ou a falta delas. Para ela, evasão tem ligação direta com a pressão por aprovação, por parte do sistema e dos alunos (autocobrança).

A turma de Fátima possui um perfil de alunos bastante misto: jovens, idosos, adultos, educação especial, com níveis de aprendizado distintos, segundo a professora. O que em certa medida dificulta um trabalho que contemple todos, sendo necessário o uso de atividades diferentes numa mesma aula para cada grau de aluno da sala, de acordo com seu relato.

j) Das Chagas

Aluno da EJA II na E.M. Edmilson Pinheiro e artesão de utensílios em palha. Todos os dias, o senhor de 58 anos, vai de bicicleta do bairro Conjunto Ceará, onde reside, ao bairro vizinho Granja Lisboa, onde fica a escola, num trajeto de aproximadamente dois quilômetros. De acordo com Francisco das Chagas, era o colégio mais próximo a ele a ofertar aulas no turno da noite.

Ainda na infância, aos dez anos de idade, abandonou a escola. Das Chagas, como é conhecido, morava na casa de um irmão que o castigava por não saber a lição do dia que fora

ensinada na aula. A situação foi alimentando sentimento de raiva no garoto e o fez desistir de estudar. Conforme foi crescendo, começou a trabalhar. Desistir, porém, não faz mais parte dos planos do senhor.

Matriculou-se em 2016, por iniciativa própria, motivado pela vontade de tirar a carteira de motorista após concluir os estudos. Antes, só sabia assinar o nome. Das Chagas tem a esposa como grande incentivadora e diz receber apoio da família para persistir na escola

k) Evinaldo Alexandre

Aos 32 anos, Evinaldo Alexandre mora só e trabalha como servente, serviços gerais. Conhecemo-lo em seu primeiro dia de aula na E.M. Sinó Pinheiro, turma EJA I. Estava sentado na última fileira, numa cadeira de plástico das dezenas que compunham a plateia daquele dia na quadra, tratava-se de atividade literária para toda a escola. Evinaldo concentrava-se em folhear as páginas do livro novo que havia recebido.

Era o recomeço. A segunda tentativa de retomar o ensino fundamental. Em 2004, matriculou-se numa escola do bairro Passaré, mas desistiu porque considerou o colégio perigoso, lá presenciou casos de violência contra professores. Antes disso, aprendeu a juntar poucas letras e algo sobre os números pelo contato que teve com livros e revistas na reciclagem em que trabalhava, e, claro, com a ajuda dos colegas também.

Muito antes disso, Evinaldo foi deixando de estudar quando ainda era criança/pré-adolescente. Ele fugia da escola com os irmãos para trabalhar, mesmo sem aprovação da mãe. Após o pai sair de casa, a mãe começou a trabalhar, quando ele tinha sete anos de idade. Hoje, Evinaldo vai para aula com o irmão mais novo, Evinildo, de bicicleta e sonha em ser eletricitista.

l) Rener de Souza

Atual coordenadora EJA da E.M. Sinó Pinheiro. Rener de Souza compartilha as experiências distintas e complementares entre ser professora e coordenadora. Foi uma das primeiras fontes a detalhar o perfil dos alunos da EJA em Fortaleza, aspectos da modalidade, a traçar um panorama dessa educação, reconhecendo as particularidades que cada escola possui. Explicou nos como o contexto social influencia no comportamento dos discentes e molda as características da unidade de ensino.

Segundo Rener, o bairro da escola, Barroso, é carente de escolas de 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Isso faz com que os alunos jovens acabem migrando pra EJA IV e V. Já as séries iniciais da EJA na E.M. são compostas por estudantes mais velhos. No EJA I, o

perfil médio é de pessoas ainda não alfabetizadas. No EJA II, os alunos estão praticamente alfabetizados. E no III já estão lendo, mas ainda há aqueles que não sentem tanta segurança.

m) Professora Maria José Barbosa

Maria José Barbosa é professora do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, no departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da UFC e pesquisadora do Núcleo de Referência em EJA História e Memória do Ceará - UFC.

A ideia inicial era trazer um algum personagem especialista da área para contribuir com informações de contextualização acerca da temática, o histórico percorrido no Brasil até se consolidar como EJA e em Fortaleza, que pudesse nos situar e também ao público de forma didática. Buscamos colher, além disso, declarações sobre a experiência pessoal com a EJA, dentro da atuação na área da educação.

Chegamos à professora Maria José Barbosa por indicação de outra professora da Faced. Nossa entrevistada cumpriu as expectativas que tínhamos ao buscar alguém da academia para elucidar questões e fenômenos da EJA que havíamos observado nas visitas feitas às escolas. Até nos surpreendeu, talvez, porque acreditávamos em ouvir de um acadêmico um relato mais geral e com certo distanciamento científico do objeto em questão.

Maria José demonstrou profundo conhecimento das razões sócio-históricas-culturais de nosso Estado e como elas se refletem na educação, contou inúmeros exemplos e histórias reais de classes de EJA, experienciadas por ela, e perfis de pessoas que frequentam o ensino — que, em parte, se assemelhavam aos nossos personagens. Apesar do tempo, percebemos que os perfis se repetem, que essa educação ainda abriga a mesma classe, com quase as mesmas origens.

A convicção com que falou na hora da entrevista ia muito além de quem possui propriedade para falar pela formação que possui. Descobrimos uma forte relação: Maria José foi aluna da EJA em Fortaleza nos ensinos fundamental e médio (1º grau e 2º grau) porque a cidade onde morava, no interior cearense, não ofertava todas as séries do ensino regular; passou a ser militante pela EJA, foi membro fundador do Fórum de EJA e representante do Estado na Comissão Nacional dos Fóruns de EJA; lecionou por 23 anos na EJA da rede pública estadual; desenvolveu sua tese de doutorado na UFC sobre a EJA. Decidimos dedicar um trecho do filme para revelar esse fato ao espectador.

9.5. Gravações

Posteriormente à escolha dos personagens e as visitas nas escolas, estabelecemos a

abordagem conduzida pelo que diferenciava cada um dos demais e, ao mesmo tempo, incluímos temáticas em comum. “A primeira montagem ocorre, no roteiro, com a definição e ordenação das cenas dramáticas” (PUCCINI, 2010, p. 97).

Os dias de gravação eram acertados previamente com a direção da escola, e de acordo com a disponibilidade dos personagens. Tentamos otimizar as viagens e o tempo aproveitando as datas das entrevistas²⁷ para captar imagens de apoio da escola e dos personagens. Por causa da baixa frequência dos alunos nas segundas e sextas, nosso cronograma ficou um pouco prejudicado porque nos restringimos a marcar entrevistas entre as terças e quintas-feiras. Obviamente, que nem sempre era possível cumprir os dois propósitos, visto que a prioridade era sempre para gravação das sonoras. Em algumas escolas, retornamos mais de uma vez para complementar as imagens de apoio.

Em grande parte da realização do produto fílmico, utilizamos equipamentos básicos para captação de imagens e áudios, tais como câmera, gravador de áudio e tripé. Salvo em três entrevistas e uma sessão de imagens de apoio que podemos contar com equipamento de iluminação do estudante de jornalismo da UFC Daniel Duarte.

Dispomos da ajuda de três amigos voluntários - Carlos Eduardo Freitas, Daniel Duarte e Marcelo Monteiro, estudantes de jornalismo da UFC - para realização de imagens, em conformidade com os horários disponíveis de cada. Quando não foi possível estarmos acompanhadas deles, nos dividimos entre as funções e entramos em ação para registrarmos imagens de apoio e entrevistas.

A cooperação dos estudantes nos possibilitou maior liberdade quando, no momento da entrevista. Entrevistados e entrevistadoras estavam concentrados no momento de diálogo, focados no conteúdo. Possuíamos três câmeras cedidas por empréstimo para gravações, todas DLSR do modelo Canon T5i, lente 18-135 mm. Em determinados momentos, usamos a lente 18-55mm. Por vez, usávamos no máximo duas, porque o uso dependia da disponibilidade dos parceiros, divididas entre imagens de apoio e entrevistas. Todas as entrevistas foram feitas com apenas uma câmera. Para apreensão do áudio, foram utilizados gravador de voz Sony do modelo ICD-PX312 e microfone lapela Sony.

Durante as gravações, surgiram revelações no desenrolar da entrevista, sentimentos em comum dos entrevistados, percebemos idiossincrasias, dentro das narrativas particulares, pontos que se encontravam, aspectos fundamentais para a construção da narrativa maior

²⁷ Os entrevistados assinaram termos de cessão de imagem e áudio para realização do documentário *Co.nhe.cer*. Os modelos de termos, adaptados, utilizados pelas autoras podem ser conferidos na parte “Anexos” deste relatório. Ver Anexo A e Anexo B.

Co.nhe.cer.

9.6. Edição

Após as gravações, dividimos todo o material para iniciarmos o processo de decupagem das entrevistas e das imagens de apoio. Além do conteúdo, esse momento seria o olhar prévio para a seleção das melhores imagens que comporiam o documentário e como poderiam ser utilizadas. Cada autora ficou responsável por transcrever as entrevistas de três escolas, descrever as imagens gravadas pela câmera (do ambiente, dos personagens, detalhes) e decupar o áudio reserva das entrevistas, captado pelo gravador de voz.

Os passos seguintes foram direcionados para montagem definitiva do roteiro: alocar as sonoras em cada divisão temática acertada pela dupla de produção; revisar e editar previamente excluindo algumas sonoras, em decorrência do tempo de filme; reunir informações e dados coletados sobre a EJA e os personagens para o uso em cartelas²⁸ como recurso na narrativa; selecionar imagens de apoio; decidir pontos de destaque para os entrevistados dentro do documentário, considerando as histórias pessoais e os assuntos em que o personagem desenvolveu mais seu pensamento durante a entrevista.

Conforme PUCCINI (2010, p. 97),

a segunda etapa de montagem, no roteiro, nasce da leitura atenta da descrição do conteúdo de cada uma das cenas dramáticas. Mesmo na fase de escrita de um roteiro literário, o texto descritivo da cena já traz em si a sugestão de cortes que orienta a decupagem técnica feita pelo diretor.

A primeira versão do roteiro, ainda sem o vídeo, passou por avaliação da professora orientadora Naiana Rodrigues. Era hora de materializarmos o trabalho! Entrevistas e imagens de apoio foram testadas pelas autoras, no programa de edição *Sony Vegas Pro 13*, a fim de ver como ficariam os cortes das entrevistas, o áudio das cenas, as combinações adequadas entre sonoras e imagens de apoio, a sonorização, determinar cartelas e imagens, indicar em quais momentos os créditos de identificação seriam inseridos. Um trabalho minucioso, de curadoria.

Para os ajustes técnicos de finalização do *Co.nhe.cer*, como inserção de cartelas e créditos, substituição de áudios, ajustes de imagens, suavização entre os áudios e os vídeos e outros refinamentos, contamos com a ajuda do jornalista Nathanael Filgueiras e do estudante de jornalismo Daniel Duarte.

²⁸ As cartelas também são chamadas de intertítulos por Sérgio Puccini (2010, p. 120), sobre esse recurso o autor discorre: “Além de sua função informativa, os intertítulos servem para pontuar o documentário, marcar um ritmo para o filme e os inícios de blocos temáticos, além de propiciar a exploração de efeitos estéticos por meio da formatação do texto na tela”.

10. ESTRUTURA DO TRABALHO

O documentário é dividido em 12 partes, nas quais cada uma delas é responsável por abordar, através dos relatos dos personagens, um aspecto da Educação de Jovens e Adultos. É importante ressaltar que nem todos os personagens aparecem em todas as partes, não por não falarem sobre o assunto, mas como uma escolha da edição para economizar tempo e/ou não ficar repetitivo.

A divisão foi inicialmente esboçada quando estávamos no meio do processo de captação, com algumas entrevistas já feitas e outras ainda a fazer. Decidimos não fazê-la antes para não comprometer os relatos que eles nos dariam, mas começar a construí-la com algumas entrevistas já feitas, para nortear nosso trabalho. Após o fim da última entrevista, que fora feita com a pesquisadora do Núcleo de Referência em EJA História e Memória do Ceará na UFC Maria José Barbosa, nós consolidamos as divisões, de acordo com os pontos que queríamos contemplar nas entrevistas.

É importante ressaltar que essa divisão de blocos não é mostrada durante o documentário, acontecendo a transição de uma para outra de forma direta, garantindo uma unidade e o crescimento da narrativa do documentário, que não segue uma ordem temporal, mas vai nas dificuldades que os alunos da EJA enfrentam hoje para permanecer nos estudos e termina nas metas e perspectivas de cada um para a sua vida e para a EJA como um todo.

As falas foram escolhidas através de uma decupagem demorada e minuciosa, e foram pinçadas de um universo de entrevista após o esboço do roteiro²⁹, que fora feito, como já dito, através das próprias falas. Primeiro, transcrevemos as entrevistas e fomos encaixando os trechos delas dentro dos blocos, de acordo com a temática de cada um. Depois, fomos relacionando todas as falas dos entrevistados, colocando próximas as que se relacionavam.

A partir daí, fomos cortando trechos, ou diminuindo seu tamanho, e mudando-os de lugar para que o documentário não ficasse repetitivo e tivesse uma linha de coerência e coesão. As imagens também foram pensadas nesse sentido, com o diferencial de que elas eram em menor quantidade que as falas, por diversos motivos: desde a falta ou precariedade de equipamentos até às condições físicas de cada escola, algumas muito escuras que não permitiam a gravação de imagens mais diversificadas.

Para cobrir os relatos, tivemos o cuidado de separar cada escola, para que elas não fossem mostradas de forma aleatória. Há também as imagens para cobrir as cartelas, pensadas de forma que elas dissessem alguma coisa, sem competir por atenção com as informações

²⁹ Ver roteiro definitivo em APÊNDICE A.

escritas na tela. Trabalhamos também com “imagens de transição”, que serviam para dar um “respiro” no documentário e para iniciar ou encerrar um assunto.

Por fim, a intenção ao montarmos este “quebra-cabeça” era contar uma história fluida, mas complexa, com a profundidade que ela merecia, ao mesmo tempo que acessível e razoavelmente completa, para informar e emocionar, contar e fazer refletir. Mostramos, a seguir, os temas dos blocos com uma breve explicação do que cada um se trata.

1. Dificuldades de continuar a estudar hoje

Este é um bloco destinado aos estudantes da EJA, que falam sobre as dificuldades que sentem para seguir nos estudos depois de adulto. Neste momento, ainda não se sabe o porquê de eles terem se atrasado nos estudos, como e com qual idade decidiram voltar à escola, mas apenas o que eles continuam enfrentando para a conquista da educação formal. Os problemas apontados são principalmente a idade e o cansaço.

O objetivo de começar por aqui é o de mostrar que as dificuldades estão sempre presentes no caminho dessas pessoas, e não somente durante sua infância e adolescência quando eles largaram a escola. O mérito dos alunos da EJA é o de quem teve de deixar os estudos no passado, mas continuam enfrentando problemas ainda hoje para conquistá-lo.

2. Motivação para persistir

Diante das dificuldades de voltar à escola, algo foi forte o suficiente para motivá-los a querer estudar. É essa motivação que queremos mostrar neste bloco dois, que já começa a adentrar mais fundo no mundo e na história dos nossos personagens. Aqui descobrimos os sonhos de melhora de vida e de emprego de cada um, a vontade de aprender a ler, o desejo de construir uma família e até mesmo a necessidade de tirar uma carteira de motorista. A pluralidade de quem forma a EJA começa a ser documentada.

3. O que os fez deixar de estudar no passado

Neste bloco, conhecemos mais nossos personagens principais e descobrimos o que os fez deixar a escola no passado. Em muitos pontos, as histórias se parecem, mas por ser algo individual optamos por deixar que cada um a contasse, mesmo que parecesse repetitivo. Os principais motivos são a necessidade de trabalhar e a falta de interesse por alguns.

4. Educação: diferença de acesso ontem e hoje

Este bloco é um dos menores do documentário e se confunde com o anterior por trazer uma informação que fez com que muitas pessoas largassem o estudo: a falta de escolas a partir de algumas séries no interior do Estado antigamente. Quem encabeça o bloco é o seu Das Chagas, que conta que a diferença de acesso ao ensino formal é bem diferente hoje do que ontem, confirmado pela professora Maria José Barbosa. O bloco termina com uma fala de

Maria José contando brevemente a história da EJA, nascida da necessidade de enfrentamento do analfabetismo decorrente, em parte, dessa dificuldade de acesso à educação.

5. Características da EJA e perfil dos seus alunos

Este é o bloco mais longo de todos, o centro do documentário, pois concentra as informações necessárias para que o espectador conheça razoavelmente a EJA, através das suas características e dificuldades e dos alunos que geralmente a frequentam. É uma parte que vem logo em seguida à explicação sobre a história da EJA. As informações são dadas pelos próprios alunos, professores, diretores e pela especialista Maria José Barbosa.

Também nessa parte nós damos informações de números de matriculados e valores de investimento do dinheiro público nessa modalidade de educação. Um ponto alto do bloco é quando falamos da educação inclusiva, descoberta interessante que fizemos nas nossas visitas e que decidimos mostrar no documentário, o que mostra que a EJA é plural em todos os sentidos. Essa pluralidade ganha um espaço nessa parte, quando falamos nas diferenças de idade e de formação dos alunos, o que foi apontado como bom e ruim pelos entrevistados.

6. Evasão

Neste bloco, os entrevistados falam sobre os motivos que podem explicar a frequente evasão na EJA, que podem ir desde a falta de motivação para os estudos até a rotina cansativa dos alunos, a idade, a troca de endereço ou emprego e a própria estrutura e o ensino nas escolas. Uma coisa observada nas nossas visitas é que às segundas e sextas-feiras é comum que o turno da noite fique esvaziado, ou pelo cansaço da semana ou por outros compromissos no dia e horário.

7. Afetividade

A relação dos alunos com a escola, seus colegas e professores é tratada nesta parte, que mostra que a EJA não é somente um lugar para “recuperar o tempo perdido”, mas também para construir relações e se divertir. Neste bloco é contada, também, a história da E.M. José Dias Macedo, no Meireles, que sofre ameaça de fechamento pela quantidade reduzida de alunos, mas continuou funcionando pelo envolvimento dos estudantes da EJA.

Nós destacamos a história de dona Antônia, que guarda todas as agendas desde que voltou a estudar como forma de recordação. Ela também fala que repetiu mais de uma vez um nível da EJA porque se apegou à professora.

8. Motivação para voltar a estudar

Aqui os alunos falam o que os fez querer voltar à escola, mesmo enfrentando cansaço, vergonha e tantas outras dificuldades. É um bloco curto, mas que emociona, porque é nele que eles contam sobre a vontade que tinham de aprender a ler, como é o caso de Evinaldo. Chama

a atenção a história de Regina Célia, que fala do que sentia por não conseguir ensinar as tarefas da própria filha. Ela é a personagem destacada nesta parte.

9. Conquistas: o que mudou

Aqui mostramos o que mudou na vida dos estudantes após voltar à escola. Eles contam sobre o que aprenderam, o que sabem fazer hoje que não sabiam antes. A história da Regina se estende, e ela conta que hoje consegue ensinar todas as tarefas da filha, ao mesmo tempo em que ela também a ajuda na sala de aula.

10. Experiências

Este é um bloco que se centra mais nos relatos sobre a relação dos entrevistados com a EJA, mas dessa vez das professoras, diretora e coordenadora com esse tipo de ensino, não mais os alunos. O quanto a EJA influenciou a vida delas, o quanto aprenderam com os alunos. É uma parte bonita, mas simples, com cortes secos e sem BGs e efeitos de transição, para mostrar a experiência delas sem romantismo e com respeito.

11. Metas e perspectiva de todos

É, na verdade, uma continuação do bloco 10. A diferença é que os alunos se unem às profissionais: estas dizem suas perspectivas para a EJA, enquanto aqueles falam o que sonham para as suas vidas. É o fim formal do documentário, que, de certa forma, quer mostrar a importância da EJA não só para a vida destes, mas de todos que a compõem e que, por isso mesmo, ela merece respeito e investimento.

12. Bônus: especialista

Esse bloco é um “bônus” do documentário. Ele mostra a história de Maria José Barbosa, que permanece durante todo o vídeo sendo apresentada como professora especialista em EJA, mas que agora nos conta que também não pôde continuar os estudos quando criança, também fez EJA, e agora é doutora de uma Universidade Pública, e que lutou pela Educação de Jovens e Adultos. A intenção é que sua história seja uma surpresa para os que a assistem, como foi para nós, e sirva de lição: há, sim, um futuro para os alunos da EJA.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da potencial gama de conclusões possíveis para este trabalho, queremos destacar as mais evidentes e objetivas. A primeira delas é a própria complexidade da Educação de Jovens e Adultos, que se reproduziu em um documentário que não quis ser medíocre, mas ousou tentar trazer uma compilação das características e da história deste segmento da educação. A nossa hipótese, de que a EJA é pouco conhecida e divulgada na mídia também se confirmou

empiricamente, a partir das nossas pesquisas e vivências no trabalho de campo, na produção, captação e edição do documentário, além dos relatos das professoras e dos alunos.

A falta de investimento na Educação de Jovens e Adultos por parte dos governos também foi constatado, através de dados e da nossa experiência de visitas às escolas e nas entrevistas, ao passo que esse tipo de educação é inegavelmente papel do Estado, não podendo ser oferecido de forma tão acessível e em tão grande número de escolas se fosse parte do ensino privado.

A teia profunda e emocionante das histórias e das relações que formam a EJA e que dão nome a este trabalho, são o coração das escolas e fonte inesgotáveis e mais e mais relatos de quem mostra a cada dia que o tempo não se perde para quem acredita na educação e no conhecimento, que é formal e também não, que se aprende na escola e nas ruas da vida.

Co.nhe.cer é mais do que mostra e exatamente o que significa: ver, assistir, perceber, compreender, respeitar, sentir, aprender, saber, identificar, viver, dominar. É um documentário para quem quer saber mais da EJA, mas também para quem já sabe e acredita no poder transformador da educação, em qualquer hora, momento e situação de vida.

REFERÊNCIAS

BISTANE, Luciano; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2008.

BRUNS, Axel. **Gatekeeping, Gatewatching, Realimentação em Tempo Real**: novos desafios para o Jornalismo. Disponível em:
<<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/342/315>>

CERQUEIRA, Aliana; SOUZA, Thiago; CERQUEIRA, Aline; MENDES, Patrícia. **A trajetória da LDB**: um olhar crítico frente à realidade brasileira. Disponível em:
<http://www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/anais/aliana_georgia_carvalho_cerqueira>

CONSUELO, Lins. **O documentário de Eduardo Coutinho**: televisão, cinema e vídeo. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 48.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GARCIA, Inez Helena Muniz. **Jovens e Adultos em Processo de Alfabetização**: Voz e Vida, Revelações e Expectativas. Niterói, 2004. Universidade Federal Fluminense.

LEVI, Renato. **O audiovisual e o documentário nos cursos de jornalismo**. São Paulo, 2014

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. 3º edição, São Paulo: Editora Ática S.A., 1995.

MELO, Cristina Oliveira Teixeira de; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. **O documentário jornalístico**, gênero essencialmente autoral. Mato Grosso do Sul, 2001.

OLIVEIRA, PÉRSIO SANTOS DE. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 2008.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário**: Da pré-produção à pós-produção. 2º edição, Campinas, SP: Papirus, 2010.

ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo; BAZI, Rogério Eduardo Rodrigue; OLIVEIRA, Ana Paula Silva. **O espaço do documentário e da vídeo-reportagem na televisão brasileira**: uma contribuição ao debate. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2005

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

TAMAROZZI, Edna; COSTA, Renato Pontes. **Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba: IESDE 2009.

WATTS. Harris. **On câmera**: o curso de produção de filme e vídeo da BBC. São Paulo: Summus, 1990.

APÊNDICE A

ROTEIRO:

Co.nhe.cer - Histórias e relações com a Educação de Jovens e Adultos em Fortaleza

*Larissa Wenya e Leticia Alves
Orientação: Naiana Rodrigues*

Introdução

IMAGEM - VÍDEO	SONORA – TEXTO
Vídeo: MVI_1120 tempo: a partir dos 5seg (indicador de dona Mocinha percorrendo o título de <i>O Pequeno Príncipe</i>)	Áudio do gravador 1 - 07.11.15 - 08'41'' : “Eu ficava com aquela vontade de aprender. Uma caduca dessa estudando! <i>risos</i> ”
Black rápido + Vídeo: MVI_1112 tempo: 04'14'' - 04'27'' + 04'33'' - 04'51'' + Vídeo: MVI_0106 tempo: (editado como o vídeo “Dona Mocinha ensaia nome”). Áudio:	Sonora com Dona Mocinha falando: “Por isso que uma <i>meninazinha</i> desse <i>tamain</i> disse assim: ‘Mamãe, e <i>vêi</i> estuda?’ (<i>risos</i>). Essa senhora tão <i>vêia</i> estudando. Foi. (<i>risos</i>)”. (...) “Tem muita gente que, sei lá, faz é mangar” [...] Mas quero saber é se aprende, seja como for”. [Descrição: Entra a cena em que Dona Mocinha ensaia o nome no ar antes de escrever no caderno. A cena vai servir como transição para vinheta. Então, primeiro com essa cena, entra trilha do B.G. e depois vamos para a vinheta]
#B.G.: <i>Sonhos Andarilhos</i> - Marco Fukuda	
#Vinheta - tempo: 8 segundos (com black)	

1) Dificuldades de continuar a estudar hoje: (sem imagens de apoio - corte seco)

MVI-1110 Áudio do gravador 110101 (pasta 07.11.2015): 2'05'' - 2'13'' #G.C.: Maria das Dores de Sousa 94 anos, EJA III	Dona Mocinha 02'37'' – “Aff maria, meu filho adorou, mas adorou! Ainda hoje pergunta: ‘Mamãe você não vai pra aula não? Mãe vai pra aula, vai estudar’”.
--	--

<p>MVI_0128 Áudio gravador (Revinaldo.MP3): 6'15'' - 6'20''</p> <p>#G.C.: Evinaldo Alexandre Freire 31 anos, EJA I</p>	<p>Evinaldo Alexandre 5'46'' - Muitas pessoas dizem que ‘depois de velho, com 29 anos vai aprender, com 30 anos, vai estudar de novo? Não aprende mais nada não’’.</p>
<p>MVI_0156</p> <p>Áudio gravador (160613_003): 1'43'' - 1'55''</p> <p>#G.C.: Taís Andrade. 17 anos, EJA III</p>	<p>Taís Andrade 01'25'' “É porque é uma vergonha, uma menina de 17 anos ficar na 4ª série. É uma vergonha pra mim. Era pra mim estar no 6º e 7º ano de novo, repetindo, né’’.</p>
<p>MVI_0112 Áudio gravador (160606_002): 23'57''- 24'06''</p> <p>#G.C.: Francisco das Chagas 58 anos, EJA II</p>	<p>Das Chagas 06:18 - “Rapaz, se <i>tu não aprendeu</i> no tempo de novo, tu vai aprender agora? Eu digo: ‘Rapaz, se a pessoa tiver é...como se diz, perseverança e tiver vontade, aprende’’.</p>
<p>MVI_0093 Usar áudio da câmera #G.C.: Regina Célia da Silva, 40 anos, EJA V</p>	<p>Regina Célia 2'51" - “Não sei se vai dar certo, mas eu vou estudar até o fim. Talvez dê, né?’’</p>
<p>MVI_0128 Áudio gravador (Revinaldo.MP3): 6'25''- 6'30''</p>	<p>Evinaldo Alexandre 5'46'' - “Tenho fé, tenho certeza que vou aprender alguma coisa, é se esforçando que a pessoa consegue alguma coisa na vida’’</p>
<p>MVI_1111 Usar áudio da câmera Áudio gravador (110101): 15'03'' - 15'08''</p>	<p>Dona Mocinha 06'02'' - “Ah, eles a vista de mim é umas crianças, né?’’</p>
<p>MVI_1123</p> <p>Usar áudio da câmera</p>	<p>CARTELA: Maria das Dores de Sousa é conhecida como Dona Mocinha. Em 2015, ela era a aluna mais idosa da rede municipal de ensino de Fortaleza. A convite de uma vizinha, dona Mocinha iniciou os estudos aos 91 anos de idade. Um ano depois, fez o EJA III na E.M. Raimundo Soares de Sousa.</p> <p>+ Áudio do vídeo MVI_1111 - Dona Mocinha: 01'37'' – “Às vezes eu só pego no livro</p>

	quando vou <i>pro</i> colégio e às vezes eu fico estudando, ao meio-dia, quando eu acabo de fazer o almoço”.
MVI_1111 USar áudio câmera	Mocinha 01’37’’ - “Aí eu arrumo aqui, eu me ajeito, tranco as portas, pega minha <i>muletinha</i> e vou embora”.
MVI_0233 #G.C.: Conceição do Nascimento Ferreira diretora da E.M. Professor Martinz de Aguiar Áudio gravador (Conceição II MP3): 11’15’’ - 11’44’’	Conceição 9’14’’ - “Quando você começa a estudar com mais de 20 anos e você começa a interagir com o mais novo você começa a perceber que não existe tempo certo, não existe a hora certa <i>pra</i> você aprender. Eu costumo dizer pra eles que você aprende até a hora de morrer, toda hora é hora de aprender. É isso que eu quero que eles entendam na escola. Que todo mundo pode, todo mundo é capaz, e que só basta querer” - Até 10’
MVI_1731 - a partir de 19’ (som do próprio vídeo + áudio) Áudio gravador (110101): 10’02’’ - 10’11’’	Áudio: “Eu lavo roupa, eu <i>barro</i> o quintal, eu arrumo a casa, lavo <i>vazia</i> , faço tudo”. 2ª CARTELA: Mocinha mora sozinha, por vontade própria, numa casa pequena no bairro Vila Peri. De lá até o colégio são 300 metros a caminhar. Por vezes, ia e voltava acompanhada de colegas, que encontrava no caminho, e da professora.
MVI_1110 Usar áudio da câmera	D.Mocinha 08’48’’ – “Via todo mundo escrever e ficava com aquela vontade de aprender”.
MVI_0345 áudio gravador (160802_002): 42’46’’ - 43’20’’ #G.C.: Maria José Barbosa pesquisadora do Núcleo de Referência em EJA História e Memória do Ceará - UFC.	Maria José Barbosa 4’56’’ - “Sempre é visto como se eu não saber ler ou não ter concluído meus estudos como eu tenha um Q.I. abaixo dos outros. Quando na realidade nós sabemos que não concluir os estudos ou não ter começado não quer dizer que eu não tenha inteligência. Pelo contrário, eu não adquiri instrução, eu tenho que ter mais inteligência que os outros porque eu vou criar estratégia para viver numa sociedade letrada sem saber ler” - até 5’30’’

<p>MVI_0028 Áudio gravador (Revinaldo.MP3): 5'42'' - 5'52''</p>	<p>Evinaldo 5'22" - "A dificuldade que eu tive foi só de pegar os ônibus, entendeu, porque eu ficava <i>ariado</i>. Eu não sabia qual ônibus eu vinha e qual não vinha".</p>
<p>MVI_0119 Usar áudio da câmera #G.C.: Antônia Freitas 69 anos, EJA III</p>	<p>D. Antônia 02'30'' - "Daí às vezes eu dizia...pedia <i>pra</i> pessoa parar um ônibus pra mim, eu dizia qual era o ônibus, que era porque eu <i>tava</i> com a vista embaçada, que tinha vindo pro oculista, né. Eu tinha vergonha de dizer que era porque eu não sabia ler, né, pra ver o ônibus".</p>

2) Motivação para persistir

<p>Imagem de apoio de escola, carteira, algo que remeta a esse universo.</p> <p>MVI_0281 - fachada da escola</p> <p>MVI_2630 [pasta da Raimundo Soares de Souza] - (Esticar o final um pouquinho pro boa noite da professora ficar menos estranho cortado em "cê" de "vocês"). + imagem Dona Mocinha mexendo no livro da escola - MVI_1113 - Tempo: 00'16'' - 00'24''máx. (sem áudio original)</p>	<p>CARTELA: Vila Peri.</p> <p>(passa o carro)</p> <p>CARTELA: A escola tem a menor taxa de abandono do Distrito 4, com índice de 34% no Censo Escolar de 2014.</p> <p>(o áudio da próxima sonora pode entrar um pouquinho nessa imagem)</p>
<p>MVI_1110 - Usar áudio da câmera Áudio gravador 110101: 7'15'' - 7'28''</p>	<p>Sonora com Dona Mocinha 07'32'' - "Só aprender mesmo, <i>só só</i>. Que eu não sabia [...] nem o que era um nome nem, o que era uma letra".</p>
<p>MVI_0091: Áudio gravador (160601_008): 3'25'' - 3'37''</p>	<p>1'45" Regina Célia "Eu pretendo arrumar um emprego melhor. Sair assim, de trabalhar em casa de família. Não acho ruim não, trabalhar, mas se arranjasse coisa melhor, aí..."</p>

<p>MVI_0112 Áudio gravador (160606_002): 20'01'' - 20'19'' Imagem de apoio: MVI_0243 / MVI_0247 / [pasta da Edmilson Pinheiro]</p>	<p>Das Chagas 02:25 – “Vontade própria da gente. A gente tem que procurar pra conseguir mais um pouco da vida, inteligência, saber conversar, saber se expressar com as pessoas, tudo isso é importante”.</p>
<p>MVI_0128 Áudio gravador (RevinaldoMP3): 9'22'' - 9'32''</p>	<p>Evinaldo Alexandre 8'58" – "A leitura <i>pra</i> mim se torna muito importante, sempre tive o esforço de escrever e de ver as letras dos livros. O que me incentivou mais a estudar foi isso aí"...</p>
<p>MVI_0119 Usar áudio da câmera Imagem de apoio: MVI_0298 [pasta Raimundo Soares de Souza]</p>	<p>Sonora com D. Antônia - “Meu esposo sempre me incentivava eu vir, desde eu nova, mas aí eu tinha as crianças pequenas, não ia deixar. Aí depois quando eu fiquei na idade, aí ele sempre dizia pra eu vir estudar, porque se eu não viesse estudar eu era uma analfabeta. Aí eu: “menino, ele tá dizendo isso porque ele tem estudo e eu não tenho, aí eu vim”.</p>
<p>MVI_0093: Áudio gravador (160601_008): 10'34'' - 10'43''</p>	<p>Regina Célia 1'25" - “Eu penso em fazer um curso de enfermagem, eu gosto muito de cuidar de pessoas idosas e de pessoas doentes”.</p>
<p>MVI_1125 Usar áudio da câmera</p>	<p>01'43'' - Dona Mocinha “Ainda falta aprender muita coisa, que eu sei pouquinho, né, mas <i>tô</i> aprendendo”.</p>
<p>MVI_0119 Usar áudio da câmera' Imagem de apoio: MVI_9831 – Tempo: a partir de 42'' (se for necessário)</p>	<p>Sonora com D. Antônia - “Ela já era bem de idade e tinha aquela coragem de estudar e eu, que era mais nova do que ela, não queria estudar. Tinha vergonha, achava que não ia aguentar ficar estudando. Eu mesma pensei quando a minha menina disse que ia fazer a matrícula: ‘Meu Deus, será que eu passo ao menos uma semana?’”.</p> <p>+ CARTELA :</p>

	Mocinha e Antônia estudavam na mesma sala de aula em 2015.
MVI_0156 Áudio gravador (160613_003): 11'39'' - 11'52'' Imagem de apoio: MVI_0163 [pasta Dolores Alcântara]	Taís Andrade 11'31'' - "O certo quem quer estudar vai até o fim, né? Vai até aonde der certo. Se tem vontade de terminar os estudos, vai até o fim".
DSC_0017 (sem áudio original)	CARTELA: Mocinha ausentou-se da escola no segundo semestre de 2015 após uma queda. Algumas semanas depois, em novembro, ela nos concedeu a primeira entrevista.
Imagens: DSC_0027 ou DSC_0028 (ela passando o lápis na mão)	CARTELA: Ela recuperou-se, mas não chegou a realizar matrícula em 2016. Outro acontecimento a impediria de ir à escola mais uma vez. A segunda entrevista foi feita em fevereiro de 2016.
MVI_1725 Usar áudio da câmera Imagens de apoio: DSC_0029 (local da dor) DSC_0016 DSC_0020 (se for necessário)	(2ª queda de D.Mocinha) 02'35'' – "Quando eu cheguei bem pertinho dali, da churrascaria, aí eu levei uma topada, só uma topada assim, 'tú! Eu parei, né. Ai eu senti foi aquela dor aqui, uma dor tão grande, uma dor tão fina! 01'43'' – 02'30'' – "Eu tava indo, mas depois dessas quedas eu não fui mais, que eu tive medo de cair, aí o meu filho disse: 'Não, mamãe, não vá não! Vá pra aula não. A senhora melhorar, pode ser que a senhora vá, mas agora não vá mais não. Aí eu não fui mais. Mas quando eu vejo o povo passar, me dá uma saudade tão grande do colégio! Porque lá era bom demais".
MVI_0119 Usar áudio da câmera Sugestão de imagem de apoio (se for necessário): DSC_0009	Antônia Freitas 10'39'' - "Todo mundo quer saber o que é que ela tem, porque ela não voltou. Mas só que a gente sabe que é porque ela tinha um

	problema na perna. <i>Num</i> podia vir mais”.
--	--

Parte 3) O que os fez deixar de estudar no passado

<p>MVI_0091 Áudio gravador (160601_008): 1’45’’ - 2’11’’</p> <p>#G.C.: Regina Célia E.M. José Dias Macedo</p> <p>Imagem de apoio: MVI_9790 [pasta José Dias Macedo] (sugestão)</p>	<p>Regina Célia 0’17’’ - “Deixei de estudar porque minha a minha família era muito pobre e eu tive que trabalhar cedo pra ajudar minha família, pra sustentar os mais novos do que eu”. “Eu acho que eu tinha 11 anos por aí, 12 quando comecei a trabalhar pra ajudar a minha família”.</p>
<p>MVI_0128 Áudio gravador (Revinaldo.MP3): 45’’ - 58’’</p> <p>Imagem de apoio: MVI_0138 [Pasta Sinó Pinheiro]</p>	<p>Evinaldo Alexandre 0’22’’ - Estudar é importante, mas as dificuldades que a gente passava falou mais alto, então desde os seis anos de idade que eu trabalho e daí por diante, né - 35’’</p>
<p>MVI_1110</p> <p>Usar áudio da câmera</p> <p>Imagem de apoio: MVI_1730 (sugestão)</p>	<p>Mocinha 02’00’’ – “Eu trabalhava de roçado, quando eu deixei de trabalhar, era lavando roupa, engomando. Não tinha tempo de nada, que era eu quem sustentava a casa [...] aí não podia estudar”.</p>
<p>Imagens: MVI_2642</p>	<p>CARTELA: Evinaldo Alexandre, de 31 anos, trabalha em uma empresa de reciclagem. Deixou de estudar ainda criança, quando fugia da escola com os irmãos para trabalhar, sem o consentimento da mãe.</p> <p>Ele ingressou na EJA I no início de 2016, com o sonho de aprender a ler e a escrever. Foi a segunda tentativa de Evinaldo voltar aos estudos.</p>

<p>MVI_0128 #G.C.: Evinaldo Alexandre, EJA I E.M. Sinó Pinheiro</p> <p>Áudio gravador (Revinaldo.MP3): 2'15'' - 2'24''</p> <p>Áudio gravador (Revinaldo.MP3): 2'46'' - 3'04''</p> <p>Imagens de apoio: (MVI_0147) e MVI_0212: Detalhe da parede da escola. "Quando a gente ama, é claro que a gente cuida" (pode entrar quando ele estiver falando da mãe dele)</p>	<p>Evinaldo</p> <p>1'52" - "Era, eu vendia bom, bala no ônibus, vendia fruta no Centro da Cidade, verduras, entendeu? Desinfetante. Era...limão". 1'59"</p> <p>+ 2'23" - "Aí teve uma vez que ela chegou pra nós e perguntou pra nós se a gente não ia se arrepender de deixar de estudar pra trabalhar, entendeu? Não, nós preferimos trabalhar, e estudar, mãe, até que vale a pena <i>cê</i> estudar. Mas eu pensei que o estudo não valia nada, entendeu? - 2'39"</p>
<p>MVI_0111 Áudio gravador (160606_002): 10'17'' - 10'33''</p> <p>#G.C.: Francisco das Chagas, EJA II E.M. Francisco Edmilson Pinheiro</p> <p>Imagem de apoio: MVI_0115 (imagem longa, escolher trecho dos segundos iniciais)</p>	<p>Das Chagas</p> <p>04:39 – "A gente se arrepende, mas quando a gente é criança ninguém tem aquele pensamento que nem o adulto tem. Porque o estudo faz falta? Se tivesse um bom estudo teria um bom emprego. É o que eu digo pros meus netos.</p>
<p>MVI_0155</p> <p>#G.C.: Taís Andrade, EJA III E.M. Dolores Alcântara</p> <p>Áudio gravador (160613_001): 2'30'' - 3'31''</p> <p>Imagem de apoio: MVI_0164: Foco no rosto de Taís</p>	<p>Taís Andrade</p> <p>01'33'' – "Eu parei de estudar porque eu não tava dando valor aos meus estudos. Eu também não gostava de estudar". [...] "E assim, minha vó botou na minha cabeça 'Taís, volta a estudar. Por que mais lá na frente, você pode fazer uma faculdade' [...] "Eu parei pra pensar, passei 3 anos sem estudar. Pensei realmente, me arrependi, voltei a estudar".</p>
<p>MVI_0111 Áudio gravador (160606_002): 6'23'' - 6'43''</p>	<p>Das Chagas</p> <p>00:45 – "Na época em que estudei, quando eu era criança, eu fui <i>pra</i> escola, mas não tive</p>

<p>Imagens de apoio: MVI_0250 0261</p> <p>Áudio gravador (160606_002): 6'53'' - 7'12''</p>	<p>oportunidade de estudar porque eu fui pra casa de um irmão e não deu certo eu estudar na casa dele porque...problema deles né? Aí eu me afastei da escola, na época d'eu criança, com 10 anos de idade”.</p> <p>[imagem de apoio com áudio da segunda sonora, nesta ordem, até “e eu não sabia”]</p> <p>01:18 – “O problema era que eu ia <i>pra</i> escola e quando eu chegava ele queria que eu soubesse da lição toda e eu não sabia, aí eu ia pro castigo. Com aquilo eu fui ficando com raiva, aí abandonei a escola”.</p>
<p>MVI_1110 - Usar áudio da câmera</p> <p>#G.C.: Mocinha, EJA III E.M. Raimundo Soares de Sousa</p>	<p>Dona Mocinha</p> <p>03'30'' – “Um irmão meu, por parte de pai, não deixava eu estudar não, era só <i>pra</i> trabalhar. Eu nem conto a minha vida, eu nem conto...”</p>
<p>MVI_0155 - Taís Imagem de apoio: MVI_9888 (escolher trecho pra cobrir essa primeira sonora entre o 0'0'' e 0'12'') Áudio gravador (160313_001): 10'08'' - 10'21''</p> <p>MVI_0156 - Taís Áudio gravador (160313_003): 11'05'' - 11'18''</p>	<p>09'14'' - “Foi por causa das minhas amizades também, entendeu? [...] Nessas amizades que eu tinha, não era boa coisa”.</p> <p>10'16'' - “Depois de um tempo eu fui começando a me envolver, foi aí que não deu mais certo. Mas eu gostava das aulas que tinha”.</p>
<p>MVI_1110 - Dona Mocinha Usar áudio da câmera</p> <p>Imagens de apoio: MVI_0003/0027/1126 (se achar necessário)</p>	<p>05' 18'' – “Eu achava bonito o estudo, achava bonito. Eu dizia: ‘Meu Deus, eu me criei sem estudar, sou burra, mas não vou criar meu filho’”. “Trabalhei e dei estudo pra ele”.</p>

Parte 4) Educação: diferença de acesso ontem e hoje

<p>MVI_0352</p> <p>#G.C.: Maria José Barbosa pesquisadora do Núcleo de Referência em</p>	<p>Maria José Barbosa</p> <p>0' 00'' – “O que diferencia a EJA de Fortaleza para a EJA do resto do Estado é o acesso. Por a gente ser uma capital, a gente vai ter muito</p>
---	---

<p>EJA História e Memória do Ceará - UFC.</p> <p>áudio gravador (160802_002): 01h21'21'' - 01h21'37''</p>	<p>mais escolas oferecendo educação de jovens e adultos do que mesmo nos pequenos municípios que a gente vai encontrar.”.</p>
<p>Imagens iniciais: MVI_0243</p>	<p>CARTELA: Seu Das Chagas, como é conhecido, é artesão. Ele faz cestas e outros utensílios com palha. As mãos habilidosas, porém, quando seguravam a caneta só sabiam assinar o nome.</p> <p>Ele decidiu voltar a estudar em 2016 por vontade de tirar a carteira de motorista. Todos os dias, Das Chagas vai à aula de bicicleta. A escola fica num bairro vizinho ao que mora.</p>
<p>MVI_0111 Áudio gravador (160606_002): 8'36'' - 8'51''</p>	<p>Das Chagas 02:57 – “O pessoal do interior, desses tempos atrás era muito desligado dessas coisas, e hoje em dia em todo canto que a gente anda no interior, tem escola. Antigamente não tinha. Era muito difícil a gente encontrar uma escola no interior”.</p>
<p>MVI_0119 Usar áudio da câmera Áudio gravador (d. Antonia.MP3): 2'09'' - 2'14''</p>	<p>D.Antônia 00'20'' - “No meu tempo, os pais não obrigavam os filhos a ir pro colégio, ia se quisesse. Aí eu não estudava.”</p>
<p>Imagem de transição 0219 - pasta de aulas com “EJA- Noite” (pasta Sinó Pinheiro)</p>	
<p>MVI_0341 áudio gravador (160802_002): 02'51'' - 03'29'' / 03'32'' - 03'42'' / 03'57'' - 04'17'' / 04'31'' -04'54'' / 05'20'' - 05'27'' / 05'42'' - 05'57'' / 06'04'' - 06'18''</p> <p>Sugestões de imagens de apoio ao longo da sonora: MVI_0143 (Pasta Sinó Pinheiro) / 0297 (pasta Raimundo Soares de Souza)</p> <p>MVI_0265 ou 0266 - “Você já leu hoje?”</p> <p>Foto: Mobral 4</p> <p>MVI_2647</p>	<p>Maria José Barbosa</p> <p>“Nós temos um histórico de negação de políticas públicas em nosso país, assim é na educação. A gente entra no século XX com mais de 80% da população analfabeta. Então as ações educativas que vão acontecer para adultos, são voltadas para alfabetização. A partir de 1920, nós vamos ter campanhas. São grandes campanhas visando alfabetizar. Essas grandes campanhas tratam do analfabetismo como uma praga. Então, assim, ‘vamos erradicar o analfabetismo’, né. Nem na saúde se está usando mais esse termo ‘erradicar’”.</p> <p>“Assim como se fosse culpa do analfabeto ser analfabeto. Não um erro do Estado de negação de direitos”.</p> <p>“Essas campanhas vão se estendendo, vão acontecendo pontualmente, não têm continuidade. Até que nos anos 50, começa-se um governo com fundamentação popular, e aí os direitos das pessoas vão começar a ser olhados com maior cuidado”. “Então são</p>

<p>Foto: Mobral 1</p> <p>Foto: Mobral 5</p>	<p>ações que vão acontecer de forma mais científica, mais discutida. Nós vamos ter um congresso de educação de adultos aqui em nosso país. Paulo Freire faz um plano de educação para todo país, mas este plano vai ser cortado com a ditadura”. “Vai sair da ditadura um grande movimento, que é o Mobral, Movimento Brasileiro de Alfabetização”.</p> <p>“Mas o Mobral, ele vai tirar muito essa característica da alfabetização conscientizadora. Vai alfabetizar de forma mais instrumental. Ele consegue chegar a todos os lugares. Tem a sua história e tem a sua validade”.</p> <p>“Continua-se essa história de que você está salvando alguém. Existem músicas, como uma que é cantada por Dom e Ravel, que eles dizem: ‘Você também é responsável, ensine alguém a escrever...’”</p>
<p>Vídeo da música:</p> <p>Fotos: Mobral 2 e 3 (se demorar um pouco mais na 3)</p>	<p>Complementar trecho com a canção mesmo:</p> <p>“Eu tenho a minha mão domável, eu sinto a sede do saber. Eu venho de campos tão ricos, tão lindos, cantando e chamando, são todos bem-vindos. A nação merece maior dimensão, marchemos pra luta, de lápis na mão”.</p> <p>[inserir após “saber”, quando começa o toque da música e depois a próxima frase”</p> <p>CARTELA:</p> <p>“Você também é responsável” (1969), da dupla Dom e Ravel, foi adotada como hino do Mobral, em 1971, pelo ex-ministro da educação Jarbas Passarinho, durante o regime militar.</p>
<p>Imagens de apoio: MVI_0102 (Pasta José Dias Macêdo) /</p>	<p>(Pode seguir o instrumental dessa música ainda <i>pra</i> servir de trilha pra essa próxima cartela, o áudio vai baixando até acabar totalmente, simbolizando o fim desse tempo:)</p> <p>CARTELA:</p> <p>A Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/96) rege o sistema de educação brasileira. A LDB, criada em 1961, só passa a citar uma educação para jovens e adultos em sua segunda versão, no ano de 1971, com a implantação do ensino supletivo.</p> <p>Em 1985, o Mobral foi extinto.</p>

	Na LDB sancionada em 1996, a Educação de Jovens e Adultos torna-se modalidade e é regulamentada pelos artigos 37 e 38. EJA é a nomenclatura que esse ensino recebe no Brasil. Pelo mundo, é conhecida apenas como Educação de Adultos.
Imagem de transição - sinal toca e alunos saem da escola MVI_9908	

Parte 5) Rotina + perfil de alunos da EJA (na escola e como ensino)

<p>MVI_0190: Dá pra usar o áudio da câmera</p> <p>#G.C.: Rener de Souza Coordenadora da EJA da E.M. Sinó Pinheiro</p> <p>Imagem de apoio: MVI_0236 (Pasta Dolores Alcântara) - aluna cuidando de bebê</p> <p>MVI_0191</p>	<p>Rener 00'13" - "São alunos que não conseguiram estudar no tempo certo por algum motivo, muitas vezes por desinteresse mesmo ou porque engravidaram cedo ou porque mães foram cuidar de netos"</p> <p>+</p> <p>"Alunos que começaram a trabalhar e que o emprego está exigindo que eles estejam na escola ou alunos que estão atrás correr atrás do tempo perdido, né".</p>
<p>MVI_0231 Áudio gravador (Conceição MP3): 5'58'' - 6'14''</p>	<p>Conceição 5' "É um aluno mais cabeça, que já está numa idade melhor de trabalhar".</p>
<p>Imagem de apoio: MVI_0143</p>	<p>CARTELA: Foram realizadas 13.336 matrículas da modalidade EJA nas escolas municipais de Fortaleza conforme o Censo Escolar 2014. Pelo levantamento, a rede municipal de Fortaleza possui 87 escolas que ofertam a modalidade EJA em atividade.</p>
<p>Imagem de transição MVI_0065</p>	<p>Fran diz: "Eu quero uma palavra que vai equivaler a 'de mãe'". Aluno responde: "amor de mãe é amor materno". Fran: "Exatamente! Amor materno".</p>
<p>MVI_0057</p> <p>[Imagens de apoio: MVI_9898</p>	<p>Francileide do Vale 3'26" - "O EJA tem as suas peculiaridades, nós sabemos que é um público misto. Dizer que isso é o pior, não é, é muito bom..."</p> <p>MVI_0119 - d. Antônia (áudio da câmera)</p>

<p>(Pasta Dolores Alcântara) / MVI_0068 (Pasta José Dias Macedo)]</p> <p>Áudio gravador (160606_002): 25'48'' - 25'59''</p> <p>Áudio gravador (160613_003): 14'11'' - 14'24''</p> <p># G.C.: Fátima Mendes, professora da E.M. Dolores Alcântara</p> <p>Áudio gravador (160601_002):</p>	<p>08'27'' - Eu acho bom. Tem menino até de 15 <i>ano</i>, <i>rapaizim</i> de 15 <i>ano</i>. Eu acho tão legal quando eles me chamam de tia. 'Tia tem bombom hoje, tia?' Eu sempre levo pra agradecer eles né? Eu levo uns <i>bombonzim</i> pra eles.</p> <p>MVI_0112 Das Chagas 08:10 – “A diferença é só a idade. Agora eu acho que se eu tô naquela classe e tem uma pessoa mais nova do que eu, então ela tá no mesmo meu nível”.</p> <p>MVI_0157 Taís 2'14'' - “Piora mais porque a professora dá muita atenção e fica muito ruim da pessoa atender. Tem que dar uma aula e depois tem que dar uma outra aula pra nós, entendeu, não é a mesma coisa”</p> <p>MVI_0239 - Sonora com Fátima Mendes 02'28'' - “Os alunos têm diferentes níveis: tem alunos que não sabem ler, tem pré-silábicos, silábicos, aluno que já lê divinamente bem no EJA 3. Então, gente, é uma dificuldade tão grande, precisa ver! Pra superar todas as dificuldades do aluno com um professor, é difícil!”</p> <p>MVI_0057 - Fran 2'28'' - "É preciso ter muito jogo de cintura. É preciso ter uma linguagem universal, tanto para os mais jovens, como para os mais velhos.</p>
<p>MVI_0231 Áudio gravador (Conceição MP3): 8'13'' - 8'56''</p> <p>Imagem de apoio: MVI_0103 (a partir de 11'' - pasta José Dias Macedo)/ MVI_0216 (pasta Sinó Pinheiro)</p>	<p>Conceição 7'48 - "Eu acredito que um dos obstáculos hoje é a formação do professor. Porque infelizmente a universidade não está preparando esse professor pra atuar na Educação de Jovens e Adultos. Existe uma tendência que o professor trata um aluno da EJA como um aluno regular, e não é. O aluno da EJA tem uma necessidade diferenciada. Ele precisa de algo que alie ainda mais com o trabalho dele. Que ele vá utilizar na criação dos filhos, na casa deles, no trabalho dele. O professor foge disso, ele ainda está muito ligado ao livro didático”.</p>
<p>Imagem de apoio:</p> <p>Imagem de apoio: biblioteca fechada MVI_0001 MVI_0097 (minutos iniciais)</p>	<p>CARTELA: A EJA funciona principalmente no turno da noite e é destinada a pessoas acima de 15 anos que não tenham ingressado ou concluído o Ensino Fundamental e Médio em tempo regular.</p> <p>Em Fortaleza, as turmas EJA das escolas públicas</p>

<p>+ OUTRAS IMAGENS DE APOIO</p> <p>MVI_ (cadeiras inadequadas, má postura dos alunos - MVI_2641) MVI_0209 (decoração infantil)</p>	<p>municipais são de ensino fundamental. Outras iniciativas, privadas, populares, estaduais também ofertam EJA no município. Algumas em outros turnos.</p> <p>É comum que bibliotecas e laboratórios de informática estejam fechados no turno da noite e que os alunos da EJA estudem em salas “emprestadas” da educação regular, com cadeiras pequenas e decoração infantil.</p>
<p>MVI_0240</p> <p>Imagem de apoio: MVI_0178 (pasta martinz aguiar)</p>	<p>Fátima Mendes 0’00” - “Eu estou notando é que os alunos-problema do dia estão vindo <i>pra</i> noite. (...) Que parece que o pessoal não resolveu durante o dia, aí que eles passaram quatro anos lá, e nesses quatro anos eles não conseguiram nada, então vem pra onde? Pra noite”.</p>
<p>MVI_0057</p>	<p>Fran do Vale 4’55” - o EJA acaba se tornando uma espécie de castigo? Ah, você não se comportou bem, vou tirar você da manhã, da tarde e colocar você no EJA. O que não era pra ser. O EJA não tem ou não deveria ter essa função”.</p>
<p>MVI_0345 áudio gravador (160802_002): 39’11” - 39’22” / 39’33” - 39’50” / 40’19” - 40-21”</p>	<p>Maria José Barbosa 0’00” - “É melhor tirar esse menino, bota ele pra de noite. De dia a gente fica com as faixa-etárias todas igualadas [...]” “e ninguém vai ter problema”. “E o menino que é ‘fora de faixa’, ‘fora de faixa’, como eles chamam, esse menino se ausentou da escola, que abandonou a escola, se eu colocá-lo de dia, vixe, isso vai mexer nos índices”. “Então, existe uma comodidade no sistema”.</p>
<p>Imagem de apoio MVI_0333 BALANÇA</p>	
<p>Imagem 0334 e 0336 (ou só uma das duas - vai depender do tempo da cartela)</p>	<p>CARTELA: Escola Municipal Martinz de Aguiar - Monte Castelo</p> <p>O índice de aprovação da escola é de 77, 5%. É a maior taxa de aprovação do Distrito I de Educação de Fortaleza, com dados do Censo Escolar 2014.</p>
<p>MVI_0232 Áudio gravador (Conceição MP3): 12’38” - 12’56”</p>	<p>Conceição 02’ - “Eu sempre briguei muito contra a educação inclusiva, mas a educação inclusiva irresponsável. Aquela educação inclusiva onde pra incluir o menino é só jogá-lo numa sala de aula regular, onde eu não dou subsídio pra esse aluno aprender”.</p>

<p>MVI_0348 áudio gravador (160802_002): 01h12'59'' - 01h13'31''</p> <p>Imagem de apoio: MVI_0330 (pasta Martinz Aguiar)</p>	<p>Maria José Barbosa 10'37'' - “Com relação à pessoa com deficiência nós temos um vácuo muito grande e na EJA principalmente, porque a pessoa não tá preparada pra fazer, na realidade, essa educação inclusiva. Acaba que a educação inclusiva é muito mais a matrícula inclusiva. Eu matriculo o sujeito, ele está dentro da sala. Agora nada me garante que ele está tendo uma aula, que ele está aprendendo assim como estão os outros”</p>
<p>MVI_0232 Áudio gravador (Conceição MP3): 12'56'' - 13'09''</p> <p>Imagens de apoio: MVI_0226 (pasta martinz aguiar)</p>	<p>Conceição 02' - “Porque a gente sabe que o trabalho com o aluno especial é um trabalho totalmente diferente e, assim, ele tem o tempo dele, a forma dele, o jeito dele ser e agir”</p>
<p>MVI_0232 Áudio gravador (Conceição MP3): 13'09'' - 13'12''</p>	<p>Conceição 02' - “E quando eu não compreendo isso e não dou uma coisa diferenciada <i>pra</i> ele não vai aprender, a sala de aula vai se transformar num depósito onde ele vai estar lá <i>jogadinho</i>, solto entre os outros, e onde ele não vai ter essa habilidade de aprender, ele vai perder qualquer referência de aprendizagem”.</p>
<p>Imagens: MVI_0225 (a parte em que aparece mais ele, sem professora)</p> <p>MVI_0224 (a partir de 1'06'')</p>	<p>CARTELA: Maxuel Almeida, de 23 anos, é aluno da educação especial. Ele faz a EJA V na E.M.Martinz de Aguiar. Todos os dias a mãe vai deixá-lo no colégio e fica esperando até o fim da aula. Ele sabe ler, é muito inteligente e extrovertido. Duas vezes por semana ele é assistido pelo Atendimento Educacional Especializado na escola.</p>
<p>MVI_0228</p> <p>#G.C.: Inês Almeida, dona de casa mãe do Maxuel</p>	<p>Maxuel e mãe 2'22"- “Eu acho melhor vir deixar e esperar, não trabalho, passo o dia em casa e de noite que estou descansada dá certo eu vir”.</p>
<p>MVI_0228:</p> <p>#G.C.: Maxuel Almeida 23 anos, EJA V</p>	<p>Maxuel 07'45'' - “Eu faço o EJA 5. Tô aprendendo ainda, escrevendo”. “- “É história, ler história de índio, ler história de Deus”.</p>
<p>MVI_0348 áudio gravador (160802_002): 1h12'33'' - 1h12'58''/ 01h13'42'' - 01h13'44''</p>	<p>Maria José Barbosa 10'37'' – “A educação inclusiva tem o visto de incluir e vai incluir todos: o trabalhador, o homossexual e o negro, o preso. A educação inclusiva vai se personificar</p>

Imagem de apoio: MVI_2649 (pasta Sinó Pinheiro)	na busca do professor por ter um currículo que atenda a necessidade de seus alunos”. “Sem que o sistema te dê amparo”.
--	--

Parte 6) Evasão (motivos que podem causar isso autoestima baixa)

MVI_0155 Áudio gravador (160313_001): 5’23” - 5’45”	TAÍS 04’16” – “Aonde eu trabalho é muito cheio de coisa pra uma pessoa só. É Taís pra lá, é Taís pra cá”. “Eu saio com dor de cabeça”.
MVI_0129 Áudio gravador (RevinaldoMP3): 17’23” - 17’35”	Evinaldo 4’24” - “Às vezes eu chego em casa cansado. Às vezes não ,né, todo dia chega em casa cansado. Aí eu digo: ‘Oh rapaz, vou pro colégio hoje não’. Aí quando é seis horas, eu digo: ‘Não rapaz, vou pro colégio, que eu não posso perder aula não. Por que o que eu quero, eu tenho que conseguir dessa vez”.
MVI_0093: Áudio gravador (160601_008): 13’52” - 14’21”	4’42” - Regina “Eu não coloco o cansaço no meio, porque se eu fosse colocar eu não viria. Por que eu trabalho muito, o dia inteiro. Tem dia que não dá pra <i>mim</i> vir porque eu chego tão cansada que só faço tomar banho e me deitar, não consigo mais me levantar, mas é muito difícil”.
MVI_0119 Usar áudio da câmera	D.Antônia 11’56” - “Por incrível que pareça eu nunca pensei em desistir...Nunca pensei”
MVI_0112 Áudio gravador (160606_002): 19’25” - 19’33” Imagem de apoio: MVI_0248	Das Chagas 01:46 – “Não, de desistir não. Às vezes a gente até falta a escola porque chega mais tarde em casa, mas agora eu ligo pra professora”.
MVI_0173	CARTELA: Em 2014, a evasão da EJA nas escolas municipais chegou a 49,4%.
MVI_0173	E.M. Francisco Edmilson Pinheiro. Granja Lisboa. A escola tem a maior taxa de abandono do Distrito V de Fortaleza: 62,6%, aponta o Censo Escolar 2014.
MVI_0191 - Usar áudio da câmera	Renner 05’47” - “A questão da evasão acontece quando eles

	ficam desestimulados. As turmas da EJA são muito frágeis, qualquer coisinha a gente perde aluno”.
<p>MVI_0079</p> <p>Áudio gravador (160539_003): 7’48’’ - 8’23’’ (dá pra usar o da câmera também)</p> <p>#G.C.: Stella Oliveira, orientadora pedagógica da E.M. José Dias Macêdo</p>	<p>Stella - 7’27’’ -</p> <p>“A maioria alegando cansaço, porque trabalha durante o dia, outros porque muda de emprego, então a maioria trabalha, são alunos que trabalham por aqui... o principal motivo é, eu digo que são dois: o cansaço e o outro é a falta de perspectiva, dele como aluno e até onde ele acha que consegue ir”.</p>
<p>MVI_0342</p> <p>áudio gravador (160802_002): 17’55’’ - 18’19’’ / 18’23’’ - 18’48’’</p> <p>Imagens de apoio: MVI_0286 e/ou 0122</p>	<p>Maria José Barbosa</p> <p>05’00’’ - “Eu só me interesso por outras atividades quando eu tenho casa, eu tenho comida, eu tenho uma fonte certa de receber dinheiro Enquanto eu não tenho isso, eu não vou me interessar pela escola. Porque a escola não... apesar de eu vê-la como necessidade, eu não tenho como frequentar [...]”</p> <p>“Não é uma evasão. É interrupção do estudo. O adulto ele tá estudando, a filha adocece, ele deixa de ir. Mudou de emprego? Vai <i>pro</i> emprego. Mudou de casa? Saiu de perto da escola. Interrompe o estudo. Ano que vem, ele tá lá de novo”.</p>
<p>Imagem de transição: MVI_9894 (deixa a imagem até antes de aparecer o rosto deles)</p>	
<p>MVI_0191</p> <p>Usar áudio da câmera</p> <p>#G.C.: Rener de Souza Coordenadora da EJA da E.M. Sinó Pinheiro</p>	<p>Rener</p> <p>08’10’’ - “Na terça, quarta e quinta. As turmas ficam bem mais cheias. Mas já na segunda cai um pouco, não tanto quanto a sexta. Eu diria que a sexta é o dia que tem uma frequência bem mais baixa”.</p>
<p>MVI_0059 - Fran</p> <p>Imagem de apoio: MVI_0067</p>	<p>Fran</p> <p>44’’ - “O problema não é sair de casa para dar aula para duas, três pessoas. O problema é o cansaço. Sou professora, trabalho 300 horas, então você tenta não deixar a qualidade cair, então o ser humano que trabalha muito, ele cansa. É difícil, mas quando eu saio de casa eu não penso que eu vou dar aula para dois alunos, eu penso que vou dar aula. Ponto.”</p>
<p>MVI_0079</p> <p>Áudio gravador (160539_003): 1’39’’ - 1’55’’</p>	<p>Stella</p> <p>1’06’’ - “E eles são alunos que já trazem consigo uma dificuldade muito grande devido a ter passado da época de estudar, porque trabalham e até como consequência</p>

	a baixa estima que eles têm em relação a si mesmos, do que eles podem conseguir e do que eles não podem”. 1'32"
MVI_0348 Áudio gravador (160802_002): 1h05' - 1h06' #G.C.: Maria José Barbosa Pesquisadora do Núcleo de Referência em EJA História e Memória do Ceará - UFC.	Maria José Barbosa 03'52'' – Na realidade, toda a nossa classe popular tem uma autoestima baixa. Porque nossa sociedade capitalista prega um modelo de pessoa maravilhosa. Deve ser linda, magra, alta, loira, do cabelo liso, com olho azul, branca, ter um carro. Se dentro da escola, a gente tivesse um trabalho com esses alunos, por exemplo, eu vou levar um texto de leitura que não precisa ser: ‘João saiu no carro com Antônio’, ‘João e Antônio foram passear na praia’. Ao invés de eu usar esse tipo de texto pra trabalhar a leitura. Eu poderia levar textos que tivessem valores, textos aonde tivessem histórias construtivas, que as pessoas lessem e se sentissem bem. Teria dois fins: um, o de aprender a ler; o outro de tirar lições para sua própria vida”;
MVI_0241	Fátima Mendes 03'17'' - “[...] Todas as escolas hoje têm problema, que é aluno que vem realmente querendo aprender e tem alguns que veio só porque a mãe obriga. Assim, ele não vem como se fosse prazeroso”.
MVI_0200 Usar áudio da câmera	Rener 0" - “porque ela sabe que é tudo, que a educação é tudo, que o estudo é a herança que ela pode deixar <i>pro</i> filho”.
MVI_9877	CARTELA: E. M. Dolores Alcantara, Autran Nunes. O índice de reprovação da escola é de 43,9%. É a maior taxa de reprovação do Distrito III da Educação de Fortaleza, com dados do Censo Escolar 2014.
MVI_0215	CARTELA: E. M. Sinó Pinheiro, Barroso. O índice de reprovação da escola é de 3,9%. É a menor taxa de reprovação do Distrito VI da Educação de Fortaleza, com dados do Censo Escolar 2014.
MVI_0347 Áudio gravador (160802_002): 55'55'' - 56'09'' / 56'12'' - 56'15'' / 56'20'' - 56'51'' Imagem de apoio:	Sonora com Maria José Barbosa - 00' - “Nós precisamos de uma cultura aonde eu faça planos, trace metas e compromissos, mas a avaliação virou nota. Aí volta de novo aquele pacto silencioso”. [...] “Por exemplo, um professor de EJA” [...] “Nunca é só professor da EJA. Ele é professor de manhã e de

<p>Imagem de professores em salas de EJA</p> <p>MVI_0215 (pasta sinó pinheiro)</p>	<p>tarde. E também ele vai ter trabalhos pra corrigir dos alunos da manhã, da tarde, e dos alunos da noite. É muita coisa pra ele fazer. O que ele vai fazer? Vai tentar fazer o mínimo. E o sistema, do quê precisa? Precisa de notas altas. Então, vamos centrar a avaliação só nas provas, quando a gente poderia ter outros modos de avaliar, outros recursos”.</p>
<p>MVI_0241</p> <p>Imagem de apoio: MVI_9896 (pasta Dolores Alcântara)</p>	<p>Sonora com Fátima Mendes</p> <p>04’53’’ - “O negócio é esse. Se o número foi bom de aprovação, o professor foi dez. Se o número de aprovação não foi cem por cento, o professor não é dez”.</p>
<p>MVI_0342 Áudio gravador (160802_002): 14’30’’ - 15’09’’ / 15’22’’ - 15’35’’</p> <p>Imagem de apoio: MVI_9882 (pasta Dolores Alcântara - porteiro fechando o portão - VÍDEO PARTIR DE 00’01’’)</p>	<p>Sonora com Maria José Barbosa</p> <p>01’50’ - “O valor do aluno da EJA é menor que o do aluno da sala regular. O percentual que pode ser gasto em EJA no município, no estado, na nação, é até 15% dos recursos da EJA, no entanto, ela não é prioridade. O que acontece? O prefeito pode aplicar o Fundeb na educação na maneira que ele quiser, não vai ter uma rubrica dizendo tanto pra educação infantil, tanto pro ensino fundamental, tanto pra EJA, tanto pra educação especial”.</p> <p>“<i>Pra</i> vocês terem uma ideia, é 15%, mas até hoje não conseguiu ultrapassar os 6%.</p> <p>(Imagem de apoio, só imagem) Então, continuam-se fechando escolas de EJA” (Restante da imagem com áudio do portão fechando).</p>
<p>MVI_0100 (se for preciso, congela um pouquinho do fim para dar tempo de ler a cartela) MVI_0097 - minutos finais (o áudio não pode ser usado, Letícia fala durante gravação. Substituir por trilha ou pegar algum trecho ambiente do mesmo vídeo e colocar nessa parte. Do mesmo modo, se for preciso, congela um pouquinho do fim para dar tempo de ler a cartela) MVI_0099</p>	<p>CARTELA: A E. M. José Dias Macedo fica situada no Meireles, bairro nobre da Cidade. O índice de aprovação da escola é de 8,3%. É a menor taxa de aprovação do Distrito II da Educação de Fortaleza, com dados do Censo Escolar 2014.</p>

<p>MVI_0057 - Fran</p> <p>#G.C.: Francileide do Vale, professora EJA 4 e 5 E.M. José Dias Macedo</p>	<p>Sonora com Fran</p> <p>10'52" - Recentemente nossa escola passou por um quase fechamento por conta de números. Estamos falando de 25 a 30 vidas. Mas para o olhar do ensino público são 25 a 30 números”.</p>
<p>MVI_0079 - Áudio gravador (160539_003): 4'56” - 5'07”</p>	<p>Sonora com Stella</p> <p>04'32” - “O que eu acho que fere o discurso de que a gente está buscando oferecer o que a sociedade negou por muitos anos, que é a oportunidade de estudar”.</p>
<p>MVI_0057 - Fran</p>	<p>Sonora com Fran</p> <p>“...e isso foi muito chocante porque se o EJA fechasse, elas ficariam perdidas, porque 90% dos alunos e alunas confirmaram que não iriam pra outra escola, porque não é simples, é mais distante, mais perigoso" - 11'46"</p>
<p>MVI_0080 Áudio gravador (160539_003): 14'15” - 14'29”</p>	<p>Sonora com Stella</p> <p>+ 1'47" - Eu acho que o mais importante não é o número de alunos, mas o que a gente consegue. Um aluno que consiga ler, dois alunos que consigam ler, três... Eu acho que a gente está cumprindo com o nosso papel de educar, de diminuir o índice de analfabetismo. 2'03"</p>
<p>Imagem de apoio da escola</p> <p>MVI_0098 + 0101</p> <p>MVI_9987/ 0097</p>	<p>CARTELA:</p> <p>Em março de 2016, as turmas de EJA da E. M. José Dias Macedo passaram por uma ameaça de fechamento. A Secretaria Municipal de Educação exigia 22 alunos em cada turma de EJA 2 e EJA 3, e 27 na EJA 4 e EJA 5.</p> <p>Caso fossem fechadas, os alunos seriam transferidos para uma escola na Aldeota, a mais de um quilômetro de distância e os professores seriam realocados de manhã ou em outros colégios da rede pública.</p>
<p>Imagem de apoio MVI_0048</p>	<p>CARTELA:</p> <p>Os alunos da escola decidiram protestar contra o fechamento. Um grupo formado por Stella, uma professora e seis estudantes da EJA foram à SME e conseguiram um prazo maior para a matrícula de alunos. Eles conseguiram atingir o número exigido.</p>
<p>MVI_0079 Áudio gravador (160539_003): Colocar áudio da câmera</p>	<p>Sonora com Stella</p> <p>6'04" - A gente tem que reconhecer que isso movimentou, nos deu a condição da gente lutar, da gente saber o que a gente queria, para onde ir e como ir. Resultou que antes do prazo que eles deram, o pessoal da SME veio aqui dar a notícia de que a escola não</p>

	fecharia. 6'36"
--	-----------------

Parte 7) Afetividade

<p>MVI_0093 - Áudio gravador (160601_008): 9'30'' - 9'40''</p>	<p>Sonora com Regina 0'29" - “É tudo aqui essa escola. As crianças gosta, a minha filha não sai daqui. Ela tá em outro colégio, mas ela vive aqui todos os dias”.</p>
<p>MVI_0112 Áudio gravador (160606_002): 25'10'' - 25'36''</p> <p>Imagem de apoio: MVI_0242/ MVI_0246 (início; parte em que ele quase ri, mas tenta se concentrar) - Cobrir essa sonora com as duas imagens. O áudio ambiente pode ficar ao fundo, bem baixinho.</p>	<p>Sonora com Das Chagas 07:36 – “Dentro da sala de aula, tem horas que é um momento mais, como se diz, até de diversão mesmo. Que a gente tá conversando ali com aquelas pessoas [...] a pessoa se sente à vontade”.</p>
<p>MVI_0119 – Usar áudio da câmera Imagem de apoio: MVI_0306</p>	<p>Sonora com Antônia Freitas 4'20'' – “Depois eu comecei a gostar, por causa das amigas”. 1'54" - “Aí eu fui ficando, fui ficando e gostando. Às vezes teve professora que eu passava, mas aí eu não queria ir, ela mandava em assinar um termo de responsabilidade que eu não queria passar. Que eu pensava assim ó: ‘Olha eu vou ficar lá. Se eu for passando, eu não tenho mais o que fazer, não tem mais colégio pra mim e eu vou ficar dentro de casa’. + 03'25'' - “Só numa classe só, a gente se acostuma, eu já não queria mais nem deixar a Joyce, mas ela disse que eu tenho que deixar”.</p>
<p>Imagens: MVI_2625</p>	<p>CARTELA: Dona Antônia guarda as agendas de todos os anos desde que voltou à escola. Ela estima ter cerca de sete agendas escolares.</p>
<p>MVI_0119 Usar áudio da câmera</p>	<p>Sonora com Antônia Freitas 04'40'' - “Agradeço muito as professoras, se não fosse elas, eu ainda <i>tava</i> lá, sem saber fazer nada”.</p>

<p>MVI_0093 Áudio gravador (160601_008): 18'03'' - 18'32''</p>	<p>Sonora com Regina 9' - “Mudou a minha vida em todos os sentidos, fiz amizade, aqui todo mundo é amigo, mudou muita coisa, aprendi mais, convivi com as amigas da minha filha no colégio”.</p>
<p>MVI_1726 Usar áudio da câmera</p> <p>IMAGEM DE APOIO: MVI_2631 (muita gente, movimento)</p> <p>MVI_1725 Usar áudio da câmera</p> <p>Imagem de apoio: MVI_1127 (olhar de dona mocinha)</p>	<p>Sonora com D.Mocinha 01'36'' – 01'52'' – “Só o movimento lá, as professoras eram tão boas <i>pra</i> mim. Ai meus Deus, como eu gostava! Acho que elas gostavam de mim também”.</p> <p>06'23'' – 06'29'' - “Tenho uma saudade tão grande, chega me dói o coração”.</p>

Parte 8) Motivação para voltar a estudar

<p>MVI_0128 Usar áudio da câmera</p> <p>Imagem de apoio: MVI_2643</p>	<p>Sonora com Evinaldo Alexandre 11'22" “Meu maior sonho sempre era voltar a estudar, entendeu?”.</p>
<p>MVI_0156 Áudio gravador (160613_003): 2'13'' - 2'20''</p>	<p>Sonora com Taís Andrade 01'58'' - “É bem melhor <i>pra</i> mim porque é duas séries, a pessoa pode terminar logo. Era o que eu queria mais fazer”.</p>
<p>MVI_1110 Usar áudio da câmera</p>	<p>Sonora com Dona Mocinha 00'55'' – “Tinha muita vontade, todo mundo sabia ler e eu não sabia”</p>
<p>MVI_0112 Áudio gravador (160606_002): 22'20'' - 22'29''</p> <p>Imagens de apoio: MVI_0244</p>	<p>Sonora com Das Chagas 04:45 – “Deixei de arranjar um emprego melhor porque não sabia ler. Isso foi o que mais me chateou na época. [...]”</p>
<p>MVI_0155</p> <p>MVI_0155 Áudio gravador (160313_001): 9'10'' - 9'15''</p>	<p>Sonora com Taís Andrade 10'03'' - “Eu pensei na minha vida, o que eu quero realmente fazer da minha vida”.</p> <p>08'12'' - “Aí eu peguei e tomei uma decisão <i>pra</i> mim poder voltar a estudar”.</p>

<p>Imagem: MVI_0096 - 00'35'' - 00'39'' (só imagem)</p> <p>00'45'' - 00'51'' (inserir texto da cartela; deixar a imagem em câmera lenta para poder dar tempo à leitura do texto)</p>	<p>CARTELA: Regina voltou a estudar para incentivar o filho mais velho. Os dois eram da mesma sala.</p> <p>Yasmin, a caçula, já estudou na escola. Atualmente, participa de aulas de capoeira e acompanha algumas aulas junto com Regina.</p>
<p>MVI_0093 Usar áudio da câmera</p> <p>Imagem de apoio: MVI_0096 - 01'21'' -01'36'' (esse trecho de imagem é <i>pra</i> cobrir a parte em que ela fala da filha)</p>	<p>Sonora com Regina 06'20" - "Eu vim estudar pra que ele não faltasse aula. Mas é estranho estudar com o filho, porque como se tivesse vigiando ele, e realmente eu <i>tava</i>".</p> <p>[imagem de apoio]</p> <p>"Ela me ajuda nas tarefas, eu não ajudo ela, ela que me ajuda". "Eu sei que é bom a emoção de ela poder me ajudar".</p>

Parte 9) Conquistas: o que mudou

<p>MVI_0091 Áudio gravador (160601_008): 4'25''- 4'35''</p> <p>Melhor deixar áudio da câmera IMAGEM DE APOIO: MVI_0067 / MVI_0073:</p>	<p>Sonora com Regina 2'52" - Às vezes ela olhava assim pra mim, e falava "mãe, não me ensina que a senhora não sabe". "Eu ficava assim, um pouco sem graça".</p> <p>[imagem de apoio]</p> <p>+ 2'27" – "Aí agora eu posso ensinar ela. Eu já aprendi muita coisa, muita coisa, coisas que eu nem me lembrava mais"+ "Se for preciso eu já sei ensinar Português, todas as matérias, porque assim eu venho estudando pra valer, assim".</p>
<p>MVI_0129 Usar áudio da câmera Imagem de apoio: MVI_2641 (ele ensinando uma pessoa ao lado)</p>	<p>Sonora com Evinaldo 05" - "Eu cheguei eu não sabia responder nada, eu já sei responder, já passo na mesa dos outros ensinando aos outros como é que se forma as palavras".</p>
<p>MVI_1110 Usar áudio da câmera Imagem de apoio: MVI_1115 (a partir dos 22'')</p>	<p>Sonora com Dona Mocinha 07'50'' – "E eu estudo, eu <i>assoletro</i> na televisão e eu pergunto: 'esse nome é assim?' Aí todo mundo diz que é. Pergunto pra professora, a professora diz: 'tá certo!'. Ela tem o maior prazer comigo".</p>

<p>MVI_0112 Áudio gravador (160606_002): 18'18'' - 18'27''</p>	<p>Sonora com Das Chagas 00:30 – “Às vezes, eu tô nos cantos e penso que sou o único analfabeto, tem gente que é pior de que eu, lê mais ruim de quê eu...”</p>
<p>MVI_0129 Usar áudio da Câmera</p> <p>Imagem de apoio: MVI_0132</p>	<p>Sonora com Evinaldo 1'10" - "Hoje eu sei o que eu escrevo no caderno."</p>
<p>MVI_0093 Usar áudio da câmera</p>	<p>Sonora com Regina 8'20" - “Eu me sinto mais, um pouco inteligente. Um pouco mais inteligente do que eu era antes. Que antes pessoas me enganavam. Hoje em dia, só me enganam se eu deixar mesmo”.</p>

Parte 10) Experiência

<p>Imagens: + imagem carro (MVI_0004 - a partir de 2'10'') (não utilizar o áudio ambiente da gravação)</p>	<p>CARTELA: Maria da Conceição do Nascimento Ferreira trabalha na área Educação há 23 anos. Descobriu a EJA quando começou a fazer um curso à tarde e precisou trabalhar à noite.</p> <p>Formada em Pedagogia e Letras, ela lecionou na EJA na rede estadual por cerca de dez anos, quando tornou-se coordenadora e, hoje, é diretora da E.M. Martinz Aguiar, da rede municipal.</p>
<p>MVI_0233 - Áudio gravador (Conceição II MP3): 9'26'' - 9'44''</p> <p>Imagem de apoio: MVI_0324</p>	<p>Sonora com Conceição 7'37" - "Pra mim, hoje, se eu tivesse que fazer uma outra especialização, eu escolheria EJA. Porque pra mim é um leque que você vai abrindo devagarinho e percebendo várias possibilidades e você vê que é tão rico”.</p>
<p>MVI_0192 - Usar áudio da câmera</p>	<p>Sonora com Renner 4'40'' - “É um sonho que eles estão realizando dia após dia, e isso é muito bom, participar da vida deles dessa forma”.</p>
<p>MVI_0081 Áudio gravador (160539_003): 27'16'' - 27'30'' dá pra colocar áudio da câmera</p>	<p>Sonora com Stella 2'13" - “Eu me sinto pertencendo à equipe da EJA, eu me sinto pertencendo ao mundo deles, embora sejam mundos diferentes. Mas quanta coisa bacana eu aprendo com eles”.</p>
<p>MVI_0233 Áudio gravador (Conceição II MP3): 13'55'' - 14'12''</p>	<p>Sonora com Conceição 10'39" - "EJA é isso: é a interação de conhecimentos, e eles nem sabem que sabem tanto,</p>

	eles chegam na escola achando que não sabem nada, e eles sabem muito".
Imagem de transição MVI_0293 - 17'' - 24'' (pés de alunos saindo da escola) se der pra colocar também a musiquinha pra dar a entender que está próximo do fim, melhor	

Parte 11) Metas e perspectiva de todos (Cortes secos)

MVI_0129 - Áudio gravador (Revinaldo.MP3): 20'48'' - 21'02''	Sonora com Evinaldo 7'55" - "Quando a gente não sabe ler, que falta estudar a gente tem um bocado de sonhos... Mas o principal é eletricista.
MVI_1725 Usar áudio da câmera	Sonora com D.Mocinha 08'52'' – "Ficar boa e continuar os meus estudos. Embora que não seja pra ser nada".
MVI_0233 Áudio gravador (Conceição II MP3): 10'35'' - 10'56''	Sonora com Conceição 8'50" - "Eu tenho uma experiência de vida própria. Porque minha mãe começou a estudar depois dos 40 anos, os filhos, já tinha neto, já tinha tudo, e se formou em História". "então é uma experiência que eu tenho e dou como exemplo pra todo mundo, porque é possível".
MVI_0155 Áudio gravador (160313_001): 11'51'' - 12'03''	Sonora com Taís Andrade 10'50'' - "quando eu terminar meus estudos, me formar e fazer a faculdade, terminar a faculdade. Aí sim, eu posso pensar de fazer uma família e construir o que é pra construir, né?"
MVI_0349 áudio gravador (160802_002): 01h15'12'' - 01h15'23''/ 01h15'29'' - 01h15'33'' / 01h15'58'' - 01h16'01''	Sonora com Maria José Barbosa 01'29'' – "Eu esperava que a EJA se tornasse, na realidade, um direito, que as pessoas pudessem ter acesso em todos os turnos" [...] "uma escola na qual eu me sentisse parte integrante" [...] "Eu espero porque eu não vou desistir".
Finalizar com imagens deles escrevendo os nomes (detalhe mão e caderno) ou algo que os represente + trilha Tempo estimado: 40 seg.	Mocinha: MVI_0108: 39'' - 50'' Taís - MVI_0155: 36''- 45'' Regina - MVI_0094: 46'' - 55'' Das Chagas: MVI_0114: 38'' - 48'' Antônia: MVI_2628 - 36''- 44'' Evinaldo: MVI_2640: 56'' - 1'05''

Parte 12) Bônus: especialista

<p>Black - 2 - 3 segundos (não sei quanto tempo é suficiente <i>pra</i> perceber o black, só isso é suficiente)</p>	<p>Áudio: música...</p>
<p>Antes das fotos aparecerem, um black com a voz dela iniciando Fotos de Maria José: (temos 3 fotos - o efeito pode ser zoom nela a partir da imagem inteira da fotografia; um movimento que direcione a visão <i>pra</i> ela)</p>	<p>Narração - áudio 160802_001 05'31'' - “Eu sou de uma cidade do interior daqui, fica a 120 quilômetros, e quando eu tinha 12 anos eu parei de estudar porque na minha cidade só se oferecia escola até o 5º ano”.</p>
<p>MVI_0349 Áudio gravador (160802_002): 01h17'15'' - 01h17'25'' / 01h17'28'' - 01h17'32''</p>	<p>MARIA JOSÉ BARBOSA 03'30'' – “Eu fui aluna da EJA. Depois eu fui ser professora da EJA e desenvolvi a minha pesquisa de doutorado dentro da EJA”. “Nesse meio tempo eu também era militante na EJA, era coordenadora do Fórum de EJA”.</p>
<p>MVI_0349 Selecionar trecho entre 01'00'' - 01'23</p>	<p>CARTELA: Maria José Barbosa é professora efetiva do curso de pedagogia da Universidade Federal do Ceará. Só parou de trabalhar em EJA após 23 anos de ensino na rede pública estadual. Também foi professora do Mobral.</p>
<p>MVI_0351 Áudio gravador (160802_002): 01h19'16'' - 01h19'41''</p>	<p>Maria José Barbosa 00'58''- “A pessoa tem que se reconhecer como sujeito, tem que adquirir a escrita, tem que adquirir a leitura, tem que se adonar do saber científico. O nosso povo precisa disso pra melhorar no trabalho, pra melhorar na sua qualidade de vida, até na consciência política. O direito a educação é fundamental”.</p>
<p>Agradecimentos</p>	<p>Aos nossos pais, familiares e amigos, que acreditaram em nós e no nosso trabalho A todos que nos ajudaram na realização deste TCC e que contribuíram com tempo, equipamentos, talento e amizade</p>

	<p>A todos os entrevistados, que se dispuseram a contar sua história para nós e para tantos outros que assistirão a ela neste documentário</p> <p>À Naiana Rodrigues, que orientou este trabalho, pela paciência e pelo apoio</p>
<p>Créditos Finais</p>	<p><i>Co.nhe.cer - História e relações com a Educação de Jovens e Adultos em Fortaleza</i></p> <p>Este documentário é um trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará</p> <p>Produção, entrevistas, direção e roteiro: Larissa Wenya e Letícia Alves</p> <p>Orientação: professora Naiana Rodrigues</p> <p>Imagens: Cadu Freitas, Daniel Duarte, Larissa Wenya, Letícia Alves, Marcelo Monteiro e fotos do arquivo pessoal de Maria José Barbosa</p> <p>Trilha sonora: Sonhos Andarilhos - Marco Leonel Fukuda</p> <p>Aurora - Marco Leonel Fukuda</p> <p>Você também é responsável” (1969) - Dom e Ravel</p> <p>Identidade visual e gráfica: Daniel Duarte e Nathanael Filgueiras</p> <p>Edição: Larissa Wenya, Letícia Alves e Nathanael Filgueiras</p> <p>Finalização: Daniel Duarte</p>

ANEXO A

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**ADULTO**

Neste ato, eu _____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à Av/Rua _____, nº. _____, município de _____/Ceará, AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre áudios, vídeos, fotos e documentos captados e/ou cedidos de arquivo pessoal, para ser utilizada em campanhas promocionais e institucionais do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) das discentes do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC) Larissa Wenya Sousa Alcântara e Letícia Alves Chagas, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (IV) folder de apresentação; (V) anúncios em revistas e jornais em geral; (VI) home page; (VII) cartazes; (VIII) documentário audiovisual; (IX) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros); (X) Mídias sociais durante tempo indeterminado. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

_____, dia ____ de _____ de _____.

(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:

ANEXO B

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**MENOR DE IDADE**

Neste ato, eu _____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à Av/Rua _____, nº. _____, município de _____/Ceará, responsável legal do _____, de idade _____, nacionalidade _____

AUTORIZO o uso da imagem dele em todo e qualquer material entre áudios, vídeos, fotos e documentos captados e/ou cedidos de arquivo pessoal, para ser utilizada em campanhas promocionais e institucionais do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) das discentes do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC) Larissa Wenya Sousa Alcântara e Letícia Alves Chagas, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (IV) folder de apresentação; (V) anúncios em revistas e jornais em geral; (VI) home page; (VII) cartazes; (VIII) documentário audiovisual; (IX) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros); (X) Mídias sociais durante tempo indeterminado. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

_____, dia _____ de _____ de _____.

(assinatura)

Nome do menor de idade:
 Por seu Responsável Legal:
 Telefone p/ contato: